

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC HELDER JACKES GOMES DO AMARAL

DA TELEVISÃO AO ALGORITMO:

**Um estudo sobre os impactos da Comunicação Social na
Guerra do Vietnã e no ambiente informacional contemporâneo
durante o conflito Israel-Hamas, à luz da teoria do *agenda-setting*.**

Rio de Janeiro

2025

CC HELDER JACKES GOMES DO AMARAL

DA TELEVISÃO AO ALGORITMO:

**Um estudo sobre os impactos da Comunicação Social na
Guerra do Vietnã e no ambiente informacional contemporâneo
durante o conflito Israel-Hamas, à luz da teoria do *agenda-setting*.**

Dissertação apresentada à Escola de
Guerra Naval como requisito parcial para
conclusão do Curso de Estado-Maior
para Oficiais Superiores.

Orientadores: CC Thiago Mendes Franco
e CC Thiago Menezes de Carneiro.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2025

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me guiou e me sustentou ao longo de todo este caminho. Foi nas Suas bênçãos e no Seu cuidado diário que encontrei força para enfrentar os desafios, clareza para tomar decisões e serenidade nos momentos de incerteza.

À minha esposa e às minhas filhas o meu mais profundo agradecimento. Vocês foram o meu porto seguro, oferecendo amor, compreensão e apoio incondicional, mesmo quando minha presença física ou atenção foram, inevitavelmente, consumidas por esta empreitada. Cada palavra de incentivo, cada gesto de carinho e cada renúncia silenciosa de vocês tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, irmã e madrinha, sou eternamente grato por terem sido, desde sempre, o alicerce sobre o qual construí minha vida. Seus exemplos de caráter, disciplina e dedicação moldaram não apenas minha trajetória profissional, mas também a pessoa que busco ser todos os dias.

Aos valorosos amigos da Turma Almirante Marques de Leão, agradeço pelo companheirismo leal e pela amizade genuína que tornaram mais leves e significativos os desafios deste ano. A convivência e a partilha de experiências com vocês ficarão gravadas como um dos grandes legados dessa etapa.

Aos meus orientadores, CC Thiago Mendes e CC Menezes, manifesto minha especial gratidão pelos ensinamentos, conselhos e críticas construtivas, que foram essenciais ao meu crescimento acadêmico.

Por fim, à Escola de Guerra Naval, expresso meu reconhecimento por oferecer um ambiente acadêmico de excelência, indispensável ao desenvolvimento do conhecimento e ao aprimoramento profissional.

EPÍGRAFE

“A propaganda é uma arte e, como tal, deve estar nas mãos do artista. Como artista, você deve ter uma série de condições para o exercício de sua arte e, acima de tudo, deve ter conhecimento absoluto e convicção do que deseja ou da causa ou causas que defende. Não se pode espalhar e muito menos incutir uma causa, se quem o fizer não estiver firmemente convencido e com amplo conhecimento do que deseja transmitir.”

(Manuel H. Gelfi, oficial do Exército Argentino)

RESUMO

A presente pesquisa investiga a influência da Comunicação Social nas operações militares, tomando como eixo analítico a teoria do *agenda-setting*. Com base em um estudo comparativo entre a Guerra do Vietnã (1960-1975) e o conflito Israel-Hamas (2023), buscou-se compreender a permanência e a atualidade dessa teoria diante de cenários históricos e tecnológicos contrastantes. Observa-se, ao longo do trabalho, como as transformações trazidas pelas mídias digitais alteraram profundamente o ambiente informacional, tornando mais acessível a circulação de mensagens e ampliando o alcance das narrativas. A análise da Guerra do Vietnã destaca o papel inédito das transmissões televisivas na formação da opinião pública, afetando diretamente o apoio ao governo e as decisões de Estado. Por outro lado, o conflito Israel-Hamas evidencia uma dinâmica ainda mais intensa, marcada pela disputa de sentidos em múltiplos canais digitais, onde a rapidez na propagação de informações se converte em ferramenta estratégica. O estudo evidencia que a teoria do *agenda-setting* se mantém atual ao revelar como a mídia define prioridades temáticas, influenciando o foco do debate público e, conseqüentemente, as percepções coletivas sobre a legitimidade e a condução das ações militares. Ressalta-se também que a opinião pública, nesses contextos, pode assumir tanto o papel de obstáculo quanto de ativo estratégico para os Estados, demandando das instituições militares uma gestão cada vez mais atenta da comunicação social. Em síntese, conclui-se que a construção de legitimidade e o fortalecimento do apoio popular permanecem condicionados à capacidade de coordenar narrativas e dialogar de forma eficiente com a sociedade, conferindo à comunicação social um papel central nas operações militares contemporâneas.

Palavras-chave: Comunicação Social. *Agenda-setting*. Guerra do Vietnã. Conflito Israel-Hamas. Opinião Pública. Estratégia Militar.

ABSTRACT

From television to algorithm: A study on the impacts of social communication in the Vietnam War and in the contemporary informational environment during the Israel-Hamas conflict, in the light of agenda-setting theory

This research examines the influence of Social Communication in military operations, using the agenda-setting theory as its analytical foundation. Through a comparative analysis of the Vietnam War (1960-1975) and the Israel-Hamas conflict (2023), the study seeks to understand the ongoing relevance and applicability of this theory in contrasting historical and technological contexts. Throughout the work, it becomes evident how digital media transformations have profoundly reshaped the informational environment, making the circulation of messages more accessible and broadening the reach of competing narratives. The analysis of the Vietnam War highlights the unprecedented role of television broadcasts in shaping public opinion, directly affecting both governmental support and policy decisions. In contrast, the Israel-Hamas conflict presents an even more dynamic scenario, marked by a rapid contest of narratives across multiple digital channels, where the speed of information dissemination becomes a strategic tool. The findings demonstrate that agenda-setting theory remains pertinent, as it reveals how the media establishes thematic priorities and steers the focus of public debate, thereby shaping collective perceptions of legitimacy and the conduct of military actions. It is also emphasized that public opinion, in these contexts, may serve as both a challenge and a strategic asset for states, demanding increasingly attentive communication management from military institutions. In summary, the construction of legitimacy and the consolidation of public support continue to depend on the capacity to coordinate narratives and engage society effectively, granting social communication a central role in contemporary military operations.

Keywords: Social Communication. Agenda-setting. Vietnam War. Israel-Hamas Conflict. Public Opinion. Military Strategy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCEM	-	Centro de Comunicação Estratégica da Marinha
CCSM	-	Centro de Comunicação Social da Marinha
EUA	-	Estados Unidos da América
FPLP	-	Frente Popular para a Libertação da Palestina
IA	-	Inteligência Artificial
IDF	-	Forças de Defesa de Israel
IPS	-	Institute for Palestine Studies

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	AGENDA-SETTING: QUEM DEFINE O DEBATE?.....	11
2.1	DEFINIÇÕES DE TERMOS E CONCEITOS.....	13
2.2	COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA DA MARINHA DO BRASIL.....	15
3	A EVOLUÇÃO DO AMBIENTE INFORMACIONAL.....	18
4	CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUERRA DO VIETNÃ.....	21
5	ENQUADRAMENTO GEOPOLÍTICO DO CONFLITO ISRAEL-HAMAS.....	25
5.1	A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL.....	26
5.2	FORMAÇÃO E ASCENSÃO DO HAMAS.....	27
5.3	O SETE DE OUTUBRO.....	29
6	A PERSISTÊNCIA DA AGENDA DO VIETNÃ A GAZA.....	32
6.1	DAS SELVAS ASIÁTICAS PARA AS SALAS DE ESTAR NA AMÉRICA.....	34
6.1.1	Índices de aprovação presidencial e opinião pública durante a guerra.....	35
6.2	<i>HASHTAGS</i> E MÍSSEIS NO NOVO CAMPO DE BATALHA.....	37
6.2.1	Impactos políticos e opinião pública ao longo do conflito.....	39
6.3	COMPARAÇÃO ENTRE OS CASOS E RESULTADOS OBSERVADOS.....	43
7	CONCLUSÃO.....	46
	REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A comunicação é uma das áreas que mais fortemente sentem o impacto das rápidas transformações tecnológicas que vêm moldando nossa sociedade. A popularização das mídias sociais criou um ambiente comunicacional tão acessível e democrático que os próprios especialistas ainda buscam compreender plenamente seus efeitos e implicações. Uma vez que a internet derrubou barreiras físicas, tornou-se muito mais simples e rápido compartilhar notícias, opiniões e movimentos de alcance global, permitindo que indivíduos comuns ganhem força como comunicadores e influenciadores, podendo questionar, endossar ou até mesmo redefinir as mensagens divulgadas pelas instituições.

No início dos anos 50, embora já existissem câmeras de televisão durante a Guerra da Coreia, o telejornalismo ainda era uma novidade e não possuía a estrutura necessária para uma cobertura abrangente do conflito. Sendo assim a Guerra do Vietnã tornou-se um marco na história das relações entre mídia, opinião pública e decisões estratégicas. Pela primeira vez, imagens do front invadiram os lares em tempo real, gerando forte desgaste na percepção popular e influenciando diretamente os rumos da política externa norte-americana (Hallin, 1986).

Já no conflito entre Israel e o Hamas¹, deflagrado em 2023, observa-se uma disputa informacional ainda mais acelerada e difusa, marcada pela circulação de narrativas em múltiplas plataformas digitais. A repercussão global imediata demonstra como a construção simbólica dos eventos passou a integrar o próprio campo de operação, com impacto direto na legitimidade dos atores envolvidos.

Ambos os conflitos, à sua maneira, foram profundamente marcados pela influência da opinião pública. No caso do Vietnã, trata-se de um episódio emblemático, amplamente reconhecido pelo impacto decisivo da cobertura midiática na formação da rejeição popular à guerra. Contudo, no conflito entre Israel e Hamas, observa-se, desde os primeiros dias, uma intensa disputa por narrativas, que rapidamente ultrapassou as fronteiras regionais e passou a mobilizar a atenção e as percepções de audiências em escala global.

¹ A palavra "Hamas" deriva de um acrônimo formado a partir da expressão árabe *Ḥarakat al-Muqāwamat al-Islāmiyyah*, que traduzida significa "Movimento de Resistência Islâmica". Além dessa função acronímica, o termo árabe *ḥamās* também carrega significados associados a "zelo", "força" ou "bravura", conferindo, dessa forma, uma conotação de fervor e determinação ao nome da organização. Essa dupla significação fortalece simbolicamente a identidade do grupo, enfatizando aspectos ideológicos e operacionais do Hamas (Herzog, 2006, tradução própria).

O presente trabalho tem como público-alvo os militares das Forças Armadas bem como a comunidade acadêmica nas áreas de defesa e comunicação. Também pode ser destinado a formuladores de políticas públicas interessados na integração da Comunicação Social como ferramenta estratégica de legitimidade e influência em operações militares e humanitárias.

Este estudo busca, portanto, apresentar a dinâmica da teoria do agendamento, ou *agenda-setting*, na comunicação social das operações militares, considerando tanto o exemplo observado na Guerra do Vietnã e seus impactos em seu desfecho quanto o que se observa hoje no Oriente Médio, no conflito Israel-Hamas, iniciado em outubro de 2023.

Para empreender tal análise, a questão central desta pesquisa é: A teoria do *agenda-setting* mantém sua validade no contexto das operações militares contemporâneas, em especial quanto à influência da comunicação social sobre o apoio público às decisões políticas de emprego do poder militar?

A metodologia adotada consistirá no método comparativo utilizando-se da teoria do *agenda-setting* como referencial analítico central, analisando-se sua aplicabilidade em dois casos empíricos de destaque: a Guerra do Vietnã (1960-1975) e o conflito Israel-Hamas (2023). Tal estratégia metodológica permite identificar continuidades e transformações no papel da comunicação social nas operações militares, bem como testar a robustez e a atualidade do referencial teórico diante de realidades históricas e tecnológicas distintas.

Dessa forma, a presente pesquisa está organizada em sete capítulos. Após esta breve introdução o segundo capítulo desenvolve os fundamentos da teoria do *agenda-setting*, analisa os elementos que influenciam a opinião pública além de apresentar algumas definições relevantes. Na sequência, o terceiro capítulo apresenta a evolução do ambiente informacional ao longo do século passado, de modo a ilustrar as transformações que impactaram a dinâmica dos conflitos contemporâneos. Já os capítulos quarto e quinto, respectivamente, contextualizam a Guerra do Vietnã e o conflito Israel-Hamas. O sexto capítulo propõe uma análise comparativa entre os dois conflitos, observando o papel desempenhado pela mídia em cada contexto. Por fim, o sétimo capítulo apresenta as considerações finais, com base nas análises desenvolvidas ao longo do estudo e nas evidências observadas.

2 AGENDA-SETTING: QUEM DEFINE O DEBATE?

Na atual conjuntura, um grande desafio, seja das Forças Armadas, dos Estados ou instituições de maneira geral, é promover uma comunicação horizontal e contínua com os públicos estratégicos. É necessário estar disponível em tempo integral e interagir em um espaço onde o alcance das audiências frequentemente supera o das próprias instituições, tornando imprescindível considerar a opinião pública nos processos decisórios, uma vez que ela possui influência direta sobre os resultados das ações e, conseqüentemente, sobre o êxito das estratégias institucionais (Brasil, 2019).

A definição dos temas abordados pela Comunicação Social nas instituições militares não ocorre de forma aleatória: ela está condicionada por critérios como a relevância social percebida, os objetivos estratégicos da organização e a busca por coerência entre identidade institucional e imagem pública. No caso da Marinha do Brasil, segundo suas diretrizes, a forma como uma instituição é percebida por seus públicos influencia diretamente sua capacidade de atingir os próprios objetivos. Dessa forma, a comunicação deixou de ser um instrumento meramente auxiliar para se consolidar como componente essencial das estratégias institucionais (Brasil, 2021).

Esse entendimento é igualmente reforçado na doutrina do Exército Brasileiro, segundo a qual a opinião pública exerce um papel central nas operações contemporâneas, sendo determinante para a legitimidade das ações militares, que devem ser moralmente aceitas tanto interna quanto externamente. Assim, ao estabelecer prioridades e mensagens, as ações de comunicação social em operações militares contribui diretamente para moldar a percepção coletiva, influenciando o grau de aceitação das ações militares e sua legitimidade perante a sociedade (Brasil, 2017).

Nesse contexto, a teoria do *agenda-setting*, conforme apresentada por McCombs e Shaw (1972), oferece uma abordagem para compreender como a comunicação social, por meio da influência das mídias e de outros atores estratégicos, molda a agenda e conseqüentemente a opinião pública. A teoria parte do princípio de que os meios de comunicação não determinam necessariamente “como pensar”, mas sim “sobre o que pensar”. Assim, a mídia exerce uma forte influência sobre quais assuntos serão considerados prioritários pelo público e pelas

instituições, sejam elas políticas ou militares, moldando as discussões e, por consequência, impactando diretamente a percepção social sobre a relevância e urgência dos temas abordados, impactando tanto políticas públicas quanto as próprias estratégias militares de comunicação social.

Assim sendo, embora McCombs e Shaw (1972) tenham se concentrado na capacidade das mídias em moldar a atenção coletiva em nível social, pesquisas subsequentes aprofundaram essa teoria no plano psicossocial, observando como a exposição aos meios de comunicação afeta a formação de julgamentos e atitudes individuais, onde essa influência não ocorre em um vácuo cognitivo, e sim é mediada por mecanismos mentais. Esse desdobramento teórico permite apontar para uma articulação entre os processos externos de definição da agenda e as dinâmicas internas de percepção e tomada de decisão, campo em que as contribuições da psicologia cognitiva, como as propostas por Daniel Kahneman (2012), tornam-se especialmente relevantes.

A partir desse entendimento, conforme apontado por Kahneman (2012), as heurísticas cognitivas² possibilitam a explicação de como a opinião pública é manipulada, uma vez que o sistema cognitivo rápido³ se apoia em atalhos mentais como a disponibilidade, o afeto e a ancoragem para emitir julgamentos imediatos. Ao associar essas heurísticas à saliência informativa promovida pela mídia, entende-se que a manipulação da opinião pública em conflitos armados não é apenas possível, mas previsível, sobretudo quando se conhece o comportamento das massas sob forte carga emocional e saturação midiática.

Interpretar as evidências apresentadas no estudo da teoria do *agenda-setting* como indicativas da influência da mídia de massa revela-se mais plausível do que recorrer a explicações alternativas. Afinal, para grande parte da população, os meios de comunicação constituem a principal, e muitas vezes a única, fonte acessível de informação sobre a realidade, seja ela qual for, está em constante transformação. Nesse panorama, a mídia atua como um filtro cognitivo que organiza, hierarquiza e

² As heurísticas cognitivas são atalhos mentais utilizados para emitir julgamentos rápidos com base em impressões intuitivas. Entre as principais, destacam-se: a heurística da disponibilidade, que avalia a probabilidade de um evento com base na facilidade com que exemplos vêm à mente; a heurística do afeto, que usa sentimentos como critério de decisão; e a heurística da ancoragem, em que estimativas são influenciadas por valores iniciais, mesmo irrelevantes (Kahneman, 2012).

³ Batizado por Kahneman, o “Sistema 1” opera de forma rápida, automática, intuitiva e emocional, sem esforço consciente. Já o “Sistema 2” é mais lento, deliberativo, lógico e exige esforço mental, sendo ativado para tarefas que requerem atenção e raciocínio (Kahneman, 2012).

dá sentido aos acontecimentos, oferecendo à sociedade um retrato interpretado do mundo que a cerca (McCombs; Shaw, 1972).

2.1 DEFINIÇÕES DE TERMOS E CONCEITOS

Para que se compreenda adequadamente o impacto exercido pela comunicação social nas operações militares, é necessário antes esclarecer as diferenças conceituais entre publicidade e propaganda, além de definir e contextualizar adequadamente os termos: comunicação social, opinião pública e quarto poder.

Embora os termos publicidade e propaganda sejam frequentemente usados como sinônimos, conceitualmente apresentam distinções relevantes. Conforme apresentado no Manual de Comunicação Social da Marinha, publicidade se refere ao ato de divulgar publicamente produtos, serviços ou marcas por meio de anúncios, geralmente pagos e identificados pelo anunciante, com o objetivo de motivar ações específicas por parte do público-alvo (Brasil, 2021).

Por outro lado, tal como reforçado por Brasil (2021), a propaganda está relacionada principalmente à disseminação de ideias ou ideologias, buscando influenciar opiniões, transformar atitudes ou conquistar adesão emocional e ideológica, sem necessariamente envolver aspectos comerciais. Contudo, é importante destacar que, embora ambos os conceitos possam apresentar elementos em comum, a publicidade prioriza a visibilidade e a informação sobre algo, enquanto a propaganda privilegia a persuasão e o convencimento.

Já a opinião pública, conforme observado por Chomsky (2017), longe de ser um conceito neutro ou puramente democrático, tem sido historicamente tratada como uma ameaça ou um obstáculo pelos centros de poder, evidenciando que a confidencialidade de decisões governamentais e políticas externas muitas vezes não buscam proteger o Estado de seus inimigos, mas de sua própria população, a fim de evitar o escrutínio e a contestação popular. Ainda sob essa ótica, percebe-se que os mecanismos de propaganda e controle informacional, como os praticados pelo governo dos EUA desde a Primeira Guerra Mundial, têm por objetivo justamente desmobilizar o cidadão comum e minimizar sua participação política, mantendo-o como espectador e não como agente ativo na democracia. Assim, a opinião pública é continuamente moldada, contida e, quando possível, instrumentalizada pelos

poderes instituídos para legitimar agendas que frequentemente não representam o interesse coletivo real.

Sob uma outra perspectiva, contrapondo-se a essa visão crítica, os manuais militares encaram a opinião pública como algo a ser conquistado e mantido a seu favor. De acordo com o Manual de Fundamentos de Comunicação Social do Exército Brasileiro, a opinião pública pode ser entendida como a percepção coletiva da sociedade acerca das ações e da legitimidade institucional das organizações militares, sendo reforçada a importância de se fortalecer a imagem da instituição perante a sociedade, por meio de ações planejadas de comunicação (Brasil, 2017). Reconhece-se implicitamente que a construção e a manutenção de uma opinião pública favorável são elementos estratégicos para a credibilidade e eficácia da atuação militar. Assim, a gestão da opinião pública não se resume a informar, mas também a criar vínculos de confiança e compreensão entre a instituição e seus diversos públicos.

Complementarmente, o Manual de Comunicação Social da Marinha ressalta que a Comunicação Social deve ser compreendida como ferramenta estratégica de relacionamento institucional, empregada para aproximar a Marinha de seus diversos públicos de interesse, reforçando sua imagem e legitimidade perante a opinião pública (Brasil, 2021).

Da mesma forma, as Diretrizes para o Reposicionamento de Comunicação Social da Marinha (Brasil, 2019) reforçam a importância da postura proativa e transparente nas relações com a imprensa, além de recomendar o incremento da produção de conteúdos alinhados aos critérios de noticiabilidade e adequados aos objetivos estratégicos da Força.

Em conjunto, esses documentos apontam para uma direção de comunicação institucional que transcende a mera divulgação de feitos, estabelecendo uma lógica de *agenda-setting* institucionalizada, capaz de moldar pautas e narrativas conforme interesses legítimos no ambiente informacional contemporâneo.

Ao abordar o poder informacional, torna-se imprescindível considerar o “quarto poder” (ou “quarto estado”), termo que consagra a imprensa como uma força capaz de moldar decisões e percepções públicas. Segundo aponta Traquina (2005), o termo refere-se ao papel desempenhado pela imprensa como um poder informal, mas primordial na dinâmica democrática, sendo essa expressão capaz de descrever a capacidade dos meios de comunicação de exercer influência significativa sobre os

poderes tradicionais do Estado — Executivo, Legislativo e Judiciário — ao monitorar suas ações e proporcionar transparência. A mídia atua como uma espécie de vigilante social, responsável por fiscalizar os governantes, promover o debate público e influenciar a opinião da sociedade por meio da informação, crítica e divulgação dos acontecimentos.

(...) a Comunicação Social tal como estruturada é um capítulo da institucionalização do regime democrático. Sabido que uma das mais poderosas forças, quiçá a mais poderosa mesmo, de penetração na opinião de regimes autoritários é a difusão, por vários meios, das pseudovantagens deles para o povo. Não lhes basta a legislação cerceadora, repressiva, praticada pelos governantes; hão de acompanhá-la as toadas que entorpecem a consciência política da coletividade (Costa, 2007, p. 270).

Voltando ao início do Século XX, de acordo com Schudson (2010), a Conferência de Paz de Paris⁴, em 1919, é um exemplo histórico que ilustra a emergência da opinião pública como fator político, pois não inaugurou uma nova fase de transparência diplomática como era imaginado, e sim transformou profundamente a dinâmica entre imprensa e governo de maneira inesperada, elevando a visibilidade pública a um fator central nas decisões políticas. Especificamente no caso norte-americano, seria a primeira vez na história das relações exteriores dos Estados Unidos que o debate doméstico passaria a influenciar não somente o mérito das políticas adotadas, mas também o próprio processo decisório do governo. Assim, a política externa norte-americana adaptou-se a uma nova realidade, na qual tanto a legitimidade dos procedimentos quanto a eficiência dos resultados passaram a ser objetos centrais do escrutínio público, mediado pela imprensa e pela opinião da população.

2.2 COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA DA MARINHA DO BRASIL

De acordo com Brasil (2021), considerada uma ferramenta essencial para o aprimoramento das relações institucionais, a Comunicação Social deve ser conduzida de maneira ágil e coerente, garantindo não apenas a correta transmissão das mensagens desejadas, mas, sobretudo, sua plena compreensão pelos públicos destinatários. Além disso, é fundamental que a comunicação contemporânea

⁴ Conferência de Paz de Paris (1919-1920) foi a reunião que inaugurou o acordo internacional após a Primeira Guerra Mundial (Encyclopaedia Britannica, [s.d. b], tradução própria).

consiga gerar nos diversos atores sociais uma percepção precisa sobre a instituição, estimulando o diálogo aberto e transparente entre as partes envolvidas.

Diante das profundas transformações no ecossistema informacional, é notório que a Marinha do Brasil tem adotado uma postura cada vez mais estratégica e proativa em sua comunicação institucional, com vistas a manter a iniciativa das narrativas sobre temas sensíveis à Defesa Nacional. Essa diretriz está refletida no Plano de Comunicação Social da Marinha, que reconhece o desafio de posicionar a Força como fonte confiável de informação e orienta a adoção de ações proativas de visibilidade de suas atividades operativas e subsidiárias junto à sociedade brasileira (Brasil, 2023c).

Como exemplo prático recente, pode-se observar a cobertura das operações militares de assistência humanitária conduzidas na “Operação Taquari II”⁵, ocorrida no Rio Grande do Sul em 2024. De acordo com Brasil (2024), nesse contexto, a mídia desempenhou papel central ao enfatizar aspectos como resgates dramáticos, desafios logísticos e ações heróicas dos militares, direcionando a atenção do público e das autoridades para a capacidade operacional e humanitária das Forças Armadas brasileiras. Esse episódio demonstra como a mídia pode selecionar aspectos da atuação militar para destacá-los ao público, influenciando percepções positivas.

Outro exemplo atual e relevante é o papel da Agência Marinha de Notícias, concebida com o propósito estratégico de se estabelecer como uma fonte crível e direta de informações para públicos diversos, incluindo formadores de opinião e mídia especializada. Ao priorizar temas estratégicos como Defesa Nacional, Amazônia Azul e Poder Naval, esta agência demonstra claramente a lógica do *agenda-setting* institucional, ao moldar as pautas que a própria instituição deseja colocar em destaque na esfera pública, influenciando assim o debate em termos favoráveis à Força (Brasil, 2023b).

Um outro exemplo do quanto o ambiente informacional contemporâneo é dinâmico, foi constatado durante a elaboração deste estudo, mais precisamente em junho de 2025, quando a Marinha do Brasil resolveu alterar significativamente a forma como percebe e estrutura sua comunicação social. Em 11 de junho de 2025, foi alterada a denominação do Centro de Comunicação Social da Marinha (CCSM)

⁵ A Operação Taquari II constituiu uma ação coordenada das Forças Armadas do Brasil, iniciada em 30 de abril de 2024, destinada a oferecer assistência humanitária às populações atingidas pelas severas enchentes que devastaram o estado do Rio Grande do Sul (Brasil, 2024).

para Centro de Comunicação Estratégica da Marinha (CCEM), refletindo a evolução da comunicação na Força Naval, privilegiando uma atuação mais sincronizada, alinhada e integrada à estratégia institucional.

O novo modelo adotado pela Marinha do Brasil amplia o escopo do órgão ao incorporar, além da comunicação social, as relações institucionais e o apoio à captação de recursos humanos, por meio de ações de divulgação estratégica. Inspirado em práticas de referência internacional, o CCEM afirma-se como elemento essencial para a projeção institucional, o fortalecimento da mentalidade marítima e o cumprimento das metas estabelecidas pelo Plano Estratégico da Marinha (PEM-2040). Esse novo arranjo institucional favorece a unidade de discurso, aprimora a capacidade de resposta e incrementa o relacionamento com os diferentes públicos, promovendo a circulação eficiente de informações e o diálogo entre a Marinha e a sociedade (Brasil, 2025).

Compreender como esses processos se desenvolvem e impactam a instituição permite reconhecer o papel estratégico da comunicação social e estratégica em um mundo em que a informação é simultaneamente arma e escudo. Sendo assim a presente pesquisa ganha relevância por estarmos inseridos em um contexto social marcado por constantes mudanças e intensa conectividade, de modo que a Comunicação Social adquire um papel cada vez mais estratégico, diretamente relacionado à construção, consolidação e proteção da imagem e da reputação institucional.

Concluída a exposição do referencial teórico e de algumas definições, passa-se à análise da evolução do ambiente informacional ao longo do último século. Esse percurso histórico permitirá compreender como as transformações tecnológicas e comunicacionais moldaram a forma de conduzir e perceber os conflitos, oferecendo subsídios para a compreensão dos casos examinados ao longo deste trabalho.

3 A EVOLUÇÃO DO AMBIENTE INFORMACIONAL

A invenção do prelo⁶ impulsionou não apenas a disseminação célere de descobertas científicas e conhecimentos fundamentados, mas também proporcionou um meio eficaz para a circulação de mitologias religiosas, notícias falsas e teorias conspiratórias (Harari, 2024). Esse fenômeno evidencia uma característica intrínseca aos meios de comunicação de massa: sua capacidade de amplificar tanto a verdade quanto a desinformação.

Avançando para o século XX, observa-se o papel desempenhado pelo rádio, como meio de massa, exemplificado no regime nazista quando foi elevado a um dos principais instrumentos de manipulação, sob a direção de Joseph Goebbels. Conforme apontado por Longerich (2014), logo no início da 2ª Guerra Mundial foi publicado um decreto que proibia a escuta de emissoras estrangeiras, estabelecendo inclusive pena de morte para quem divulgasse informações provenientes dessas fontes. A análise do uso do rádio durante a guerra evidencia sua centralidade como instrumento de dominação simbólica e controle social. Sob a direção de Goebbels, o rádio deixou de ser apenas um meio técnico de difusão de conteúdo e tornou-se uma poderosa arma política. Sua eficácia foi tal que exigiu regulamentação legal severa, demonstrando o reconhecimento, pelos nazistas, de seu potencial estratégico na guerra pela informação e pelo imaginário coletivo.

Seguindo a linha evolutiva dos meios de comunicação, segundo Bordenave (1982), a invenção da fotografia exerceu impacto decisivo no desenvolvimento da comunicação visual, ampliando o alcance das mensagens ao permitir a reprodução de imagens em livros, jornais e revistas, além de inspirar o cinema e a televisão. A associação da fotografia à eletrônica e ao domínio das ondas eletromagnéticas consolidou uma transformação irreversível, encurtando distâncias e possibilitando a transmissão quase instantânea de informações em escala global. Essa evolução redefiniu os meios de comunicar e moldou dinâmicas sociais, políticas e culturais, efetivando, no mundo contemporâneo, o conceito de "aldeia global"⁷.

⁶ "Máquina primitiva de impressão manual usada durante muitos anos pelos impressores, antes da invenção das máquinas cilíndricas." (Faria; Pericão, 2008, p. 991)

⁷ O termo "aldeia global", cunhado pelo filósofo canadense Marshall McLuhan, expressa a ideia de que os avanços tecnológicos na comunicação encurtaram distâncias geográficas e culturais, aproximando indivíduos em escala planetária. Assim, o mundo passou a funcionar como uma pequena comunidade, permitindo a troca imediata e direta de informações entre pessoas de diferentes regiões, como se vivessem em uma mesma aldeia (Silva; Alvarenga, 2009).

Com a popularização dos televisores, na transição das décadas de 50 para 60, os telejornais deixaram de ser meros complementos visuais do rádio e começaram a desenvolver uma identidade própria, marcada pela agilidade e pela capacidade de transmitir acontecimentos em tempo real, conforme aponta Schudson (2010), esse processo de transformação coincidiu com a ampliação do tempo de exibição dos noticiários noturnos, que em 1963 passaram de quinze minutos para meia hora. No mesmo ano, uma pesquisa revelou, pela primeira vez, que a televisão havia superado os jornais impressos como a principal fonte de informação para o público americano. Essa tendência se intensificou ao longo da década seguinte: em 1974, outra pesquisa revelou que 65% dos entrevistados recorriam à TV como uma das principais fontes de notícias, enquanto 47% mencionavam os jornais. Notadamente, no mesmo ano, o percentual de indivíduos com ensino superior que apontavam a TV como fonte primária de informação ultrapassou, pela primeira vez, o daqueles que ainda preferiam periódicos impressos.

Justamente ao se utilizar o conceito de “aldeia global” é oportuno dar outro salto na progressão histórica dos meios de comunicação até as décadas finais do século XX, e observar o advento dos computadores e sua contínua e acelerada evolução como fundamentais para compreender a dinâmica da comunicação nos dias de hoje.

Os computadores, surgidos na década de 1940 como uma imponente máquina eletrônica dedicada essencialmente à realização de cálculos matemáticos complexos, marcaram o início de uma revolução informacional sem precedentes. Desde então, conforme apontado por Harari (2024), sua evolução ocorreu a um ritmo acelerado e vertiginoso, com transformações sucessivas em sua forma, propósito e capacidade, a ponto de tornar difusa a própria definição do que constitui um computador nos dias atuais. O que antes era restrito a operações numéricas passou a englobar funções de armazenamento, processamento e disseminação de informações em escala global. Nos dias de hoje, é notório que essa aceleração tecnológica não apenas ampliou o potencial dos sistemas de comunicação, como também inaugurou uma era em que a informação se tornou um dos principais vetores de poder.

Por fim, considerando esta escala evolutiva dos meios de comunicação, desde a invenção do prelo passando pela fotografia, cinema e TV até o advento da informática, Dimaggio *et al.* (2001) argumentam que a Internet se apresenta como

um catalisador definitivo dessa trajetória, ao se distinguir por integrar, em um único meio, diversas formas de comunicação, como interação entre usuários, transmissões unidirecionais, pesquisas personalizadas, fóruns de discussão, comunicação homem-máquina e múltiplos formatos de conteúdo, incluindo texto, vídeo, imagens e áudio. Essa multifuncionalidade sustenta a ideia de que a tecnologia digital pode fomentar transformações sociais de grande profundidade, possivelmente até mais impactantes do que as provocadas pela TV ou pelo rádio.

De acordo com Hands (2011), a transição de uma manifestação virtual para uma ação concreta no espaço físico depende, de maneira expressiva, da agilidade com que a comunicação circula entre os participantes, assim como da rapidez na definição de estratégias e decisões táticas. Com o avanço das tecnologias móveis, desde telefones celulares simples até *smartphones* conectados à internet e integrados a redes de dispositivos digitais, tornou-se possível ampliar significativamente a capacidade de coordenação e mobilização em tempo real, Hands (2011) denomina esse fenômeno como “*mobil(e)isation*”, ressaltando que o ativismo contemporâneo está cada vez mais entrelaçado à instantaneidade proporcionada pelas tecnologias móveis. Isso se intensifica com os chamados *smart mobs*⁸. Nesses grupos, as funções comunicacionais dos celulares se somam às capacidades computacionais, potencializando a organização coletiva.

A presente análise aponta ser possível observar que a trajetória evolutiva dos meios de comunicação culmina com a Internet, que emerge como um meio integrador e multiplicador. A imprensa possibilitou ampla disseminação de ideias, mas também de desinformação. O rádio mostrou seu poder mobilizador por meio da propaganda de massa. A fotografia e o cinema introduziram a força da imagem, expandindo o alcance emotivo das mensagens. Já a televisão consolidou a transmissão em tempo real, transformando eventos distantes em vivências imediatas para o público. A informática ampliou exponencialmente essas capacidades, reconfigurando completamente o acesso e a gestão da informação, que passou a ser um vetor central de poder. Dessa forma, a evolução informacional não apenas revela uma progressão tecnológica, mas também demonstra como cada nova etapa amplia ainda mais as condições para ações sociais complexas e impactantes.

⁸ *Smart mobs* ou multidões inteligentes cooperam de maneiras nunca antes possíveis pois carregam dispositivos que possuem tanto capacidades de comunicação quanto capacidades de computação (Rheingold, 2002, tradução própria).

4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUERRA DO VIETNÃ

A Guerra do Vietnã (1946–1975), largamente reconhecida como um dos conflitos mais emblemáticos do período da Guerra Fria, transcendeu o campo militar ao se configurar também como um intenso confronto ideológico no domínio da opinião pública. Para os Estados Unidos, o conflito se revelou um verdadeiro revés político, fortemente impactado pela cobertura desfavorável da mídia, que expôs contradições e alimentou o desgaste do apoio popular à guerra.

O envolvimento bélico no Vietnã pode ser compreendido a partir de dois momentos históricos distintos, que, somados, estenderam-se por cerca de trinta anos. O primeiro compreende a chamada Guerra da Indochina, ocorrida entre 1946 e 1954, quando a França, ainda potência colonial, enfrentou o *Vietminh*, movimento nacionalista que buscava a independência vietnamita. Já o segundo momento abrange o período de 1960 a 1975, caracterizado pela Guerra do Vietnã propriamente dita, em que forças do Vietnã do Norte, com o apoio dos guerrilheiros do *Vietcong* (comunistas do sul), confrontaram os Estados Unidos e o Vietnã do Sul (Magnoli, 2006). Ambos os episódios exerceram impactos significativos nas esferas política, militar e social, marcando profundamente a dinâmica geopolítica da Guerra Fria.

No contexto geopolítico da época, prevalecia a convicção de que uma eventual vitória comunista na Indochina poderia desencadear um efeito dominó sobre outras nações do entorno, como Mianmar e Tailândia, desestabilizando o equilíbrio estratégico de toda a região do Sudeste Asiático (Kissinger, 1994). Essa possibilidade alarmava particularmente os formuladores de política externa em Washington, que viam na expansão do comunismo uma ameaça à ordem mundial sob liderança ocidental.

Essa percepção geoestratégica daria origem à conhecida “Teoria do Dominó”⁹, concebida inicialmente por Walt Rostow e Maxwell Taylor, figuras de destaque no núcleo decisório da presidência norte-americana, durante uma missão oficial a Saigon em 1961. Em um cenário internacional marcado pela lógica bipolar da Guerra Fria, essa apreensão não apenas refletia os temores de expansão

⁹ “A queda eventual do Vietnã do Sul repercutiria em toda a Indochina, derrubando o Laos, o Camboja, a Tailândia e a Malásia. Nas selvas e montanhas vietnamitas, jogava-se o futuro da Seato e da estratégia da ‘contenção’ em toda a orla asiática.” (Magnoli, p. 406, 2006).

comunista, como também se apresentava como uma leitura coerente diante da instabilidade que se desenhava em diversos pontos do globo (Magnoli, 2006).

Durante a intensificação do conflito no Vietnã, três presidentes norte-americanos — John F. Kennedy (1961-1963), Lyndon B. Johnson (1963-1969) e Richard M. Nixon (1969-1974) — assumiram, cada um com sua própria abordagem, a condução da política dos Estados Unidos na região. Contudo, de acordo com Magnoli (2006), à medida que os anos avançavam e o custo humano e político aumentava, tornava-se progressivamente mais difícil sustentar a narrativa oficial de que a guerra estava sendo vencida.

Iniciada em janeiro de 1968, a Ofensiva do Tet¹⁰, representa um marco de inflexão no curso da Guerra do Vietnã, sobretudo no domínio simbólico e informacional. Embora, do ponto de vista militar, não tenha assegurado ganhos táticos significativos para o Vietnã do Norte e o *Vietcong*, o efeito sobre a opinião pública norte-americana foi profundo. A transmissão das imagens do conflito, carregadas de dramaticidade e contradições em relação ao discurso oficial de progresso, abalou a confiança da sociedade estadunidense na condução da guerra, tornando-se um divisor de águas na forma como o conflito passou a ser percebido nos lares americanos. A Ofensiva do Tet oferece uma explicação convincente da escalada americana no Vietnã de 1950 a 1968, sob a ótica das Operações no Ambiente Informacional (Nelson, 2018, tradução própria).

Conforme observa Magnoli (2006), o Tet, celebrado como o mais importante feriado do calendário vietnamita, era tradicionalmente acompanhado por uma trégua de 36 horas entre os lados em conflito. No entanto, em 31 de janeiro de 1968, essa expectativa de suspensão das hostilidades foi bruscamente interrompida por uma ofensiva surpresa, meticulosamente coordenada pelo *Vietcong*, que desencadeou ataques simultâneos em mais de cem localidades distribuídas pelo Vietnã do Sul.

De acordo com Currey (2002), a principal intenção da ofensiva era estimular uma ampla insurreição popular que, segundo os estrategistas vietnamitas, teria o potencial de desestabilizar profundamente o governo do Vietnã do Sul ao passo que, paralelamente a esse cálculo, o General Vo Nguyen Giap¹¹ tinha plena consciência do impacto que o crescente número de baixas entre os soldados norte-americanos

¹⁰ A Ofensiva do Tet, iniciada em 30 de janeiro de 1968, envolveu ataques coordenados em mais de 100 cidades e bases do Vietnã do Sul (Magnoli, 2006).

¹¹ Líder do *Vietminh* e posteriormente comandante das forças do Vietnã do Norte, conquistou merecidamente seu lugar entre os grandes estrategistas militares da história (Magnoli, 2006).

exercia sobre a opinião pública dos Estados Unidos, explorando deliberadamente essa vulnerabilidade psicológica e política como parte de sua estratégia.

Embora os levantes populares esperados não tenham ocorrido e a ofensiva tenha sido, sob o ponto de vista militar, um revés para o *Vietcong*, que sofreu perdas expressivas, seu efeito simbólico e psicológico foi significativo. As cenas dos combates travados em áreas urbanas, amplamente repercutidas pela televisão, desmentiram a retórica oficial do governo norte-americano sobre o suposto controle da situação. As imagens transmitidas, carregadas de violência e caos, fragilizaram a confiança da população dos Estados Unidos na condução do conflito e reforçaram a sensação de que a vitória estava longe de ser alcançada (Magnoli, 2006).

Ainda no ano de 1968, em 16 de março, o massacre de My Lai, no qual soldados norte-americanos assassinaram mais de trezentos civis vietnamitas desarmados, tornou-se outro marco brutal da Guerra do Vietnã. O episódio, inicialmente encoberto, veio a público no ano seguinte, provocando comoção internacional e aprofundando a crise de legitimidade do esforço de guerra. No mesmo período, o governo de Lyndon B. Johnson enfrentava crescente desgaste político, refletido em severas pressões internas e no rápido declínio do apoio popular à sua administração, que já se via fragilizada pelo impacto simbólico e moral dos horrores do conflito (Magnoli, 2006).

A Guerra do Vietnã consolidou-se como a última grande vitória do bloco comunista no cenário da Guerra Fria, conforme apontado por Blainey (2011). As operações conduzidas pelos Estados Unidos, marcadas por altos custos financeiros, humanos e políticos, tanto dentro do território vietnamita quanto em suas fronteiras, revelaram-se insustentáveis a longo prazo, evidenciando os limites da capacidade de projeção de poder norte-americana diante de um conflito assimétrico e prolongado.

Nos anos finais do conflito, tanto as forças norte-americanas quanto as sul-vietnamitas enfrentaram um crescente processo de desmoralização, tornando célebre a declaração de John Kerry¹² — “Não se pode pedir a um ser humano que seja o último a morrer” — tornou-se um emblema do esgotamento físico e psicológico das tropas. No entanto, a derrota dos Estados Unidos não foi selada apenas no campo de batalha, mas, sobretudo, no cenário doméstico. A intensa

¹² Ex-combatente que aderiu ao movimento antiguerra e candidato democrata derrotado por Bush em 2004 (Magnoli, 2006).

cobertura jornalística, ao revelar ao público as imagens dos combates do Tet, o sofrimento humano e o retorno constante de caixões cobertos por bandeiras, contribuiu decisivamente para minar o apoio da sociedade americana, corroendo o moral e deslegitimando o esforço de guerra diante de uma opinião pública cada vez mais crítica e sensibilizada (Magnoli 2006).

A surpreendente derrota imposta pelo Vietnã do Norte à poderosa máquina militar norte-americana foi fruto de uma estratégia que transformou uma contenda local em uma causa de dimensão global. Os combatentes do *Vietcong* demonstraram que até mesmo potências hegemônicas podem ser vulneráveis quando os conflitos são transfigurados em símbolos mobilizadores de solidariedade e engajamento internacional (Harari, 2017).

Diante do exposto ao longo deste capítulo, fica evidente que o desfecho da Guerra do Vietnã não se resumiu à dimensão militar. O conflito revelou que, mesmo diante de recursos e poderio superiores, a ausência de legitimidade e de respaldo consistente da sociedade pode comprometer os objetivos estratégicos de uma nação. O desgaste interno, potencializado pela crescente desconfiança e pelo questionamento público, mostrou-se tão decisivo quanto os resultados alcançados nos campos de batalha.

Em última instância, torna-se claro que a comunicação social desempenhou papel importantíssimo em todo esse processo. A ampla divulgação dos impactos humanos e das contradições do conflito pela mídia não apenas influenciou a opinião pública, mas também redefiniu as prioridades políticas e estratégicas dos Estados Unidos. O caso vietnamita ilustra, portanto, como a construção das narrativas e o controle das agendas públicas podem ser fatores tão relevantes para o desfecho de uma guerra quanto as ações propriamente militares. Essa constatação, em conjunto com a contextualização do conflito Israel-Hamas no capítulo seguinte, fundamentará a análise comparativa do trabalho.

5 ENQUADRAMENTO GEOPOLÍTICO DO CONFLITO ISRAEL-HAMAS

Compreender os mais de 75 anos de confrontos entre palestinos e israelenses exige atenção ao contexto histórico que os molda. O cientista político Jorge Zaverucha (2010) observa que o Estado de Israel ocupa uma posição central na mídia internacional, despertando atenção contínua e, muitas vezes, desmedida e ressalta que essa visibilidade midiática tem suas implicações, já que Israel frequentemente se transforma em pauta de grande apelo para veículos de imprensa, que dedicam ao tema uma cobertura intensa e recorrente.

O conflito entre o Estado de Israel e o Hamas não se configura como uma disputa entre dois atores de forças equilibradas ou como um embate iniciado com a ocupação militar israelense dos territórios palestinos em 1967, tampouco com a guerra de 1948, conforme argumenta Khalidi (2020), trata-se de uma guerra sistemática, embora intermitente, travada há mais de um século.

Os eventos que delinearão a relação entre árabes e israelenses têm raízes profundas, intensificadas após o colapso do Império Otomano em 1923. A criação da Irmandade Muçulmana em 1928 marcou um ponto de inflexão, estabelecendo uma plataforma de resistência islâmica, que posteriormente influenciou as dinâmicas políticas e militares especialmente na Palestina permitindo que a Irmandade tenha se expandido rapidamente, atingindo os territórios palestinos em 1935, moldando ideologicamente movimentos posteriores, como o Hamas (Yousef, 2010).

O conflito, iniciado em outubro de 2023, entre o Estado de Israel e o Movimento de Resistência Islâmica, também conhecido por Hamas, é referido sob múltiplas designações. O Estado de Israel enquadra como “guerra das espadas de ferro”¹³ sendo também referida como a “guerra de Simchat Torá¹⁴”, pois a guerra começou no feriado judaico de Simchat Torá, uma reminiscência da Guerra do Yom Kippur. Grupos militantes palestinos se referem ao conflito como a “batalha do Dilúvio de al-Aqsa¹⁵”, em referência à operação homônima. Os meios de

¹³ A Guerra das Espadas de Ferro é a guerra declarada pelo Estado de Israel contra a organização terrorista Hamas, em resposta ao ataque surpresa lançado pelo Hamas na manhã de sábado, Simchat Torah, 7 de outubro de 2023 (Israel, [s.d.], tradução própria).

¹⁴ A designação “Guerra de Simchat Torá” sublinha que o ataque coincidiu com esse feriado judaico, atribuindo ao conflito um sentido religioso e simbólico que ultrapassa a mera referência à data de 7 de outubro (Taragin, 2024, tradução própria).

¹⁵ “Batalha do Dilúvio de al-Aqsa” refere-se à ofensiva de 7 de outubro de 2023, quando centenas de combatentes palestinos romperam as linhas israelenses em Gaza, considerado “ponto de virada estratégico” por revelar vulnerabilidades do inimigo e irradiar a resistência para outras frentes regionais (Frente Popular para a Libertação da Palestina, 2024, tradução própria).

comunicação ocidentais referem-se ao conflito de diversas formas como a “guerra Israel-Hamas”¹⁶ ou a “guerra Israel-Gaza”¹⁷, enquanto outros usam o termo “guerra de 7 de Outubro”¹⁸. Alguns rejeitaram o termo “guerra” e chamam-lhe “genocídio de Gaza”¹⁹, “segunda Nakba”²⁰, ou “Nakba 2023”²¹.

Em virtude de uma multiplicidade de denominações encontradas na literatura e nos discursos midiáticos, no presente trabalho optou-se pela utilização da expressão “conflito Israel-Hamas”, por compreender que esta denominação reflete, de maneira direta e objetiva, os principais atores envolvidos, bem como a natureza assimétrica e recorrente das hostilidades. A escolha por “conflito”, em vez de “guerra”, justifica-se pelo fato de este último ser um termo forte, com conotação jurídica e política específica, que implicaria o reconhecimento de uma escala mais ampla e duradoura. Assim, a adoção desta nomenclatura ao longo do presente estudo visa assegurar coerência terminológica, sem prejuízo à compreensão.

5.1 A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL

A proclamação do Estado de Israel em 14 de maio de 1948, seguida do imediato reconhecimento por Washington e Moscou, deflagrou a invasão coordenada de Egito, Síria, Transjordânia, Líbano e Iraque, que procuravam anular a partilha da ONU e sustentar as forças palestinas já em combate. Embora numericamente inferiores, os trinta mil combatentes da Haganá (defesa em hebraico), embrião da Forças de Defesa de Israel (FDI), rapidamente reforçados por armas tchecas e voluntários, superaram tropas árabes mal-coordenadas e pouco

¹⁶ “Guerra Israel-Hamas” é a expressão usada pelo The New York Times para agrupar a cobertura do conflito deflagrado em 7 de outubro de 2023, quando o movimento Hamas atacou Israel e deu início a operações militares israelenses em Gaza (The New York Times, 2023, tradução própria).

¹⁷ A página-tema da BBC agrupa sua cobertura sob a rubrica “guerra Israel-Gaza” para sinalizar que o foco das hostilidades, iniciadas em 7 de outubro de 2023, é o confronto direto entre Israel e os grupos armados sediados na Faixa de Gaza (BBC News, 2023, tradução própria).

¹⁸ O periódico The Jerusalem Post adotou o rótulo “guerra de 7 de outubro” para identificar o conflito que se deflagrou naquele dia, quando o ataque do Hamas deu origem à atual campanha militar israelense contra o grupo (Mandel, 2024, tradução própria).

¹⁹ O termo “genocídio” tem sido usado no contexto de Gaza por ativistas e alguns juristas como forma de denunciar a intensidade e a escala das ações militares israelenses, ainda que seu enquadramento jurídico formal permaneça controverso (The Economist, 2023, tradução própria).

²⁰ O termo “Segunda Nakba” tem sido utilizado para descrever o deslocamento forçado em massa de palestinos em Gaza após os ataques israelenses de 2023, evocando paralelos com a expulsão de 1948, conhecida como Nakba original (Rapoport, 2024, tradução própria).

²¹ A expressão “Nakba 2023” tem sido usada para caracterizar a devastação e o deslocamento em larga escala vividos pelos palestinos em Gaza, comparando os eventos recentes à catástrofe de 1948 (Khalidi, 2023, tradução própria).

treinadas. A guerra consolidou amplo controle israelense sobre a Galileia, o deserto do Negev e metade de Jerusalém, provocando o êxodo de mais de setecentos mil palestinos e inaugurando a questão dos refugiados que ainda molda o conflito entre israelenses e palestinos na região (Magnoli, 2006).

Desde a criação do Estado de Israel em 1948, a comunicação social tem desempenhado um papel decisivo na definição de narrativas concorrentes sobre legitimidade e identidade nacional. Zaverucha (2010) aponta que a atenção midiática internacional ajudou a projetar a questão palestina para além dos limites regionais, transformando-a em tema central do debate global sobre autodeterminação, direitos humanos e deslocamento forçado. Dessa forma, percebe-se que o estabelecimento inicial das hostilidades não ocorreu apenas no campo de batalha, mas também no campo das percepções públicas, moldando uma narrativa duradoura que influencia a dinâmica regional até hoje.

5.2 FORMAÇÃO E ASCENSÃO DO HAMAS

Nascido do braço palestino da Irmandade Muçulmana, o Hamas foi oficialmente articulado em 1986, quando sete dirigentes reuniram-se em Hebron para decidir que a próxima etapa de luta contra a ocupação seria liderada por um novo movimento que combinasse ação social islâmica e confronto direto. A decisão previa, num primeiro momento, pedras, pneus em chamas e desobediência civil como forma de mobilizar a população e, poucos meses depois, a eclosão da Primeira Intifada, em dezembro de 1987, projetou o Hamas como vanguarda da resistência popular palestina (Yousef, 2010).

O transcurso da década de 1980 demonstrou, contudo, que a superioridade bélica israelense não garantia sua segurança. Em 1987 a Intifada explodiu em Gaza e na Cisjordânia, com jovens armados de paus e pedras enfrentando diariamente o Exército, revelando a força de uma resistência popular que as armas, sozinhas, não conseguiam conter (Magnoli, 2006).

Com o massacre de Hebron²² em 1994 e a frustração diante dos Acordos de Oslo, o Hamas autorizou sua ala militar a adotar atentados suicidas como “resposta

²² Em 25 de fevereiro de 1994, Baruch Goldstein, ligado ao movimento Kach, abriu fogo contra fiéis muçulmanos na Mesquita de al-Ibrahimi, em Hebron, matando 29 pessoas e ferindo dezenas, episódio que desencadeou novos confrontos e mortes em meio aos funerais das vítimas (Institute for Palestine Studies, 2023)

proporcional” ao que descrevia como agressões israelenses. Os primeiros ataques suicidas em Afula e Hadera, no ano de 1994, marcaram a passagem de um movimento essencialmente local para uma organização de alcance regional, capaz de pressionar Israel e, ao mesmo tempo, disputar legitimidade com a Organização para Libertação da Palestina (OLP) de Yasser Arafat (Yousef, 2010).

O colapso das negociações de Camp David II²³ e a Segunda Intifada²⁴ ofereceram ao Hamas o vácuo político de que precisava. Enquanto a Autoridade Palestina era vista como ineficaz e dependente, o Hamas aparecia como alternativa “incorrupível”, amparada em redes de caridade e no discurso de que apenas a “resistência armada” poderia romper o bloqueio imposto por Israel e seus aliados árabes conservadores. Nesse contexto, o movimento passou de força de oposição clandestina a protagonista central da agenda palestina (Yousef, 2010).

Em janeiro de 2006, capitalizando o desgaste do Fatah²⁵, o Hamas venceu as eleições legislativas palestinas. A recusa internacional em reconhecer o novo governo, somada ao boicote fiscal israelense, desaguou na cisão de junho de 2007, quando o Hamas expulsou de Gaza as forças leais a Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Nacional Palestina, assumindo controle exclusivo do enclave, enquanto o Fatah manteve a Cisjordânia. Desde então, Gaza tornou-se simultaneamente vitrine de poder, base logística, e alvo de sucessivas ofensivas israelenses, sujeita a um bloqueio que transformou a faixa em território economicamente asfíxiado e politicamente isolado (Beinin; Hajjar, 2014).

Mesmo sob embargo terrestre, marítimo e aéreo, o Hamas manteve-se à frente de Gaza graças a túneis de abastecimento, apoio de diásporas e alianças com Irã e Catar. As operações militares israelenses devastaram a infraestrutura civil

²³ Entre 11 e 25 de julho de 2000, representantes de Israel, da Autoridade Palestina e dos Estados Unidos reuniram-se com o objetivo de concluir as negociações sobre o status final do processo de paz, conforme estabelecido na Declaração de Princípios de 1993. Durante a cúpula, Israel propôs a criação de um Estado palestino soberano, condicionando a proposta à anexação dos principais assentamentos judaicos. Além disso, exigiu garantias de segurança, como a manutenção de pontos de monitoramento e controle nas fronteiras, e limitou o retorno dos refugiados palestinos a um caráter simbólico, via reunificação familiar. Apesar dos esforços diplomáticos, o encontro terminou sem a formalização de um acordo entre as partes (Pressman, 2003b).

²⁴ A Segunda Intifada emergiu no contexto de tensões crescentes no final dos anos 1990, quando forças israelenses e grupos palestinos se preparavam para um confronto. A repressão severa aos protestos por parte de Israel, somada à hesitação da liderança palestina em conter seus militantes, levou a uma rápida escalada da violência. A expectativa de ambas as partes de que o uso da força levaria à rendição do oponente acabou intensificando ainda mais o conflito (Pressman, 2003a).

²⁵ Organização de caráter político e militar formada por palestinos árabes no fim da década de 1950, sob a liderança de Yasser Arafat e Khalil al-Wazir (conhecido como Abu Jihad), com o propósito de recuperar o território palestino então sob domínio israelense, por meio de ações de guerrilha de baixa intensidade (Encyclopaedia Britannica, [s.d. a], tradução própria).

sem destruir o aparato militar do movimento, que passou a investir em foguetes de maior alcance e em túneis transfronteiriços. Em 2014, um cessar-fogo mediado pelo Egito encerrou 51 dias de combates, deixando claro que, a despeito do preço humano e material, o Hamas segue peça incontornável em qualquer equação de segurança ou de paz entre Israel e Palestina (Beinin; Hajjar, 2014).

Conforme aponta Zaverucha (2010), a emergência do Hamas a partir da década de 1980 também foi profundamente influenciada pelo contexto midiático. A combinação entre atividades assistenciais e resistência armada foi amplamente noticiada, especialmente após os eventos da primeira Intifada, intensificando sua presença na esfera pública global. A mídia internacional desempenhou um papel relevante ao apresentar o Hamas como uma força política e social legítima aos olhos de diversos públicos internacionais, ao mesmo tempo que gerou intensa polarização em torno de suas ações violentas, preparando o terreno comunicacional para o cenário atual de guerra de narrativas em que o conflito está imerso.

Logo ao deslocar o foco para um plano estratégico mais abrangente, a análise de algumas fontes acadêmicas demonstra que as raízes do conflito remontam às interpretações divergentes sobre legitimidade territorial, direitos históricos e aspirações nacionais, enquanto a evolução do Hamas de uma organização que realizava um trabalho de assistência social para um ator militar significativo ilustra as transformações da resistência palestina ao longo das décadas. A persistência deste conflito ao longo de diferentes gerações e contextos históricos sugere que sua resolução requer uma compreensão profunda das narrativas históricas, aspirações identitárias e traumas coletivos que continuam a alimentar o ciclo de violência entre palestinos e israelenses.

5.3 O SETE DE OUTUBRO

O ataque de 7 de outubro de 2023 teve início com o lançamento de foguetes a partir da Faixa de Gaza, seguido pela infiltração de milhares de combatentes do Hamas, que romperam a cerca de segurança, atingiram 22 instalações militares e *kibutzim*²⁶ e invadiram um festival de música no deserto. A ofensiva resultou em

²⁶ Os *kibutzim* são comunidades autossustentáveis em Israel, originadas no início do século XX por imigrantes judeus que buscavam estabelecer formas coletivas de vida agrícola em terras então pertencentes ao Império Otomano (CNN Brasil, 2023).

cerca de 1.200 mortos em Israel e no sequestro de aproximadamente 240 civis e militares, configurando o episódio mais letal da história israelense recente. Nas horas seguintes, Israel declarou guerra, fechou todas as passagens terrestres e suspendeu o fornecimento de água, energia, combustíveis e insumos médicos para Gaza. Paralelamente, iniciou uma campanha aérea maciça, seguida por incursões terrestres graduais, visando destruir a infraestrutura do Hamas (Heinze, 2024).

Apesar de se tratar de uma única jornada de combate, o impacto imediato do 7 de outubro ultrapassou os limites da própria ofensiva. Duas semanas depois foram registrados mais de 4.000 mortos, aproximadamente 2.800 palestinos e 1.400 israelenses, mais de 14.000 feridos e quase duzentos reféns de diversas nacionalidades. Durante as primeiras 48 horas, as Forças de Defesa de Israel mobilizaram contingentes terrestres simultaneamente para Gaza, fronteira norte e Cisjordânia, enquanto o foco da opinião pública internacional migrava da guerra Rússia-Ucrânia para o novo epicentro no Oriente. Dez dias depois, a explosão que atingiu o hospital Ahli Arab em Gaza, com estimativa de cerca de 500 mortos, ampliou o clamor midiático e complicou negociações de cessar-fogo, pois cada lado atribuiu a autoria ao outro, reforçando a dinâmica de “disputa de narrativas” já sublinhada pelas operações de informação de ambos os contendores (Brasil, 2023a).

Antes de completar três semanas de combate, o Comando da Força Aérea israelense já contabilizava cerca de 400 ataques aéreos contra alvos no enclave palestino, concentrados sobretudo na Cidade de Gaza e em Khan Younis. À medida que o conflito avançava, o Ministério da Saúde de Gaza relatava 7.028 mortos palestinos e dezenas de milhares de feridos, enquanto continuavam os disparos de foguetes de curto alcance contra o sul de Israel. Simultaneamente, milícias aliadas testavam as defesas israelenses ao norte, obrigando Tel-Aviv a redistribuir brigadas de manobra e sistemas antimísseis. O número de reféns mantidos pelo Hamas permaneceu acima de duzentos, entre israelenses e estrangeiros, usados como moeda de troca durante as negociações indiretas mediadas pelo Catar e pelo Egito (Chamoli, 2024, tradução própria).

Como pode-se observar, a complexidade que permeia o conflito Israel-Hamas resulta de uma confluência de fatores que transcendem questões meramente territoriais, envolvendo dimensões religiosas, identitárias, geopolíticas e humanitárias entrelaçadas ao longo de mais de um século, realimentando ciclos de

violência cada vez que uma nova conjuntura desloca o ponto de ebulição sem, contudo, alterar os fundamentos da disputa.

Os eventos de outubro demonstram que, apesar dos avanços tecnológicos e das mudanças geopolíticas regionais, os elementos centrais do conflito permanecem inalterados. A assimetria de poder militar entre Israel e atores palestinos convive com profundas simetrias de motivação, enraizadas em narrativas concorrentes de legitimidade territorial, de exílio e de segurança existencial, alimentadas tanto por traumas coletivos quanto pelo papel amplificador da mídia internacional, que converte cada choque em arena global de opinião.

Ao mesmo tempo, a emergência de atores islamitas, do Hamas e da Jihad Islâmica, demonstra que, quando a via diplomática se mostra estéril, movimentos que combinam assistência social e violência armada ganham tração popular e poder de veto, contaminando qualquer fórmula de “terra por paz” tentada desde Camp David. O impacto do 7 de outubro, com milhares de mortos, centenas de reféns e a rápida expansão do conflito em múltiplas frentes, apenas evidencia o quanto a disputa permanece sensível a pequenas variações de percepção de ameaça.

Esse panorama serve como alicerce para o capítulo seguinte, dedicado à análise comparativa entre a Guerra do Vietnã e o conflito Israel-Hamas, no qual serão aprofundadas as implicações comunicacionais de ambos os casos, evidenciando convergências e singularidades observadas ao longo do estudo.

6 A PERSISTÊNCIA DA AGENDA DO VIETNÃ A GAZA

Algumas décadas antes dos confrontos na Indochina, mais precisamente durante a Primeira Guerra Mundial, a criação de uma comissão de propaganda governamental nos Estados Unidos, a Comissão Creel, evidenciou como estratégias comunicacionais organizadas podem moldar drasticamente a opinião pública durante um curto espaço de tempo. Ao longo de um intervalo de apenas seis meses, um país majoritariamente pacifista passou a demonstrar apoio entusiasmado à entrada no conflito, motivado por uma narrativa cuidadosamente construída contra os alemães. Tal transformação não se deu apenas por apelos emocionais ou sensacionalismo, mas por um esforço deliberado em influenciar os formadores de opinião da época. O objetivo era claro: fazer com que intelectuais, jornalistas e lideranças sociais legitimassem e disseminassem a visão de mundo forjada por órgãos oficiais, ampliando seu alcance e naturalizando o discurso belicista perante a sociedade (Chomsky, 2013).

Tamanho o poder e influência que os meios de comunicação foram adquirindo ao longo do tempo, torna-se importante ressaltar como exemplo relevante a cobertura de uma operação militar conduzida pela OTAN na então Iugoslávia no final dos anos 90, em que conforme apontado por Chomsky (2017), o jornalista Steven Erlanger relatou o ataque com mísseis à sede da emissora estatal da Sérvia, a *Radio-televizija Srbije* (RTS), ação que resultou na morte de dezesseis profissionais de imprensa e na interrupção da transmissão. Tanto autoridades norte-americanas quanto líderes da OTAN defenderam o bombardeio como uma ação estratégica legítima, fundamentada na necessidade de enfraquecer o governo de Slobodan Milosevic. O ataque à emissora foi considerado deliberado e, sob o ponto de vista militar e político, visava comprometer a capacidade de comunicação do regime e reduzir sua influência sobre a população.

Segundo Mingst e Arreguín-Toft (2014), um outro exemplo de como plataformas digitais, aliadas a uma imprensa especialmente engajada, podem atuar como vetor catalítico ao dinamizar a mobilização coletiva e propiciar que as manifestações se disseminem instantaneamente foi a Primavera Árabe. Originada de uma série de levantes e manifestações populares que tiveram início na Tunísia em dezembro de 2010, impulsionada pela insatisfação popular com a corrupção e a repressão de regimes autoritários. Esses movimentos levaram à queda de ditadores

e mostraram o impacto da mobilização juvenil conectada por celulares, contrariando a ideia de que apenas revoluções islâmicas ou ações terroristas poderiam derrubar governos.

Tais eventos históricos apresentados, mais do que simples exemplos, servem para evidenciar a relevância do referencial teórico adotado, especialmente no que tange ao papel estratégico da comunicação social em contextos militares. Essa abordagem permite compreender como os conceitos discutidos se materializam em situações concretas de conflito.

Diante disso, o presente capítulo busca analisar comparativamente o papel desempenhado pela comunicação social em dois contextos emblemáticos da história militar recente, sendo eles a Guerra do Vietnã e o conflito Israel-Hamas, destacando, de maneira crítica, a persistência da teoria do *agenda-setting* como referencial explicativo da influência exercida sobre a opinião pública, a narrativa estratégica e os desdobramentos políticos e militares decorrentes em ambos os conflitos.

A escolha desses dois casos não se dá ao acaso, pois representam, respectivamente, paradigmas distintos de ambientes informacionais. No Vietnã, observou-se a emergência do poder midiático tradicional, prioritariamente por meio da televisão, protagonista na formação da vontade nacional e internacional. Já no conflito Israel-Hamas, presenciou-se a explosão das mídias digitais, a pulverização das fontes de informação e a intensificação das disputas narrativas em tempo real. Em ambos, embora distantes cinquenta anos e inseridos em contextos geopolíticos e tecnológicos distintos, a comunicação social encontra-se no centro das tentativas institucionais de estabelecer, controlar ou disputar a agenda pública, sempre tendo como pano de fundo a necessidade de conquistar legitimidade e apoio, seja doméstico, seja internacional, destacando a persistência da influência estratégica da comunicação social ao divulgar os acontecimentos no âmbito das operações militares, o que repercute diretamente na percepção pública e, conseqüentemente, se reflete na popularidade dos governos e no campo político.

Este capítulo está estruturado em três seções: a primeira aborda a experiência do Vietnã, enfatizando os instrumentos, limitações e impactos da comunicação social naquele contexto; a segunda explora o conflito Israel-Hamas, destacando a nova dinâmica do ambiente digital e seus desafios próprios. Em ambas, compara-se o apoio popular recebido pelos governos, influenciado pela forma como a comunicação social foi empregada ao publicar e transmitir suas

operações militares. Por fim, a terceira seção oferece uma discussão comparativa, analisando os conflitos à luz do referencial teórico, identificando convergências, divergências e reflexões a partir da realidade contemporânea.

6.1 DAS SELVAS ASIÁTICAS PARA AS SALAS DE ESTAR NA AMÉRICA

A partir da década de 1970, a expressão “síndrome do Vietnã” passou a ser utilizada para designar a crescente resistência da sociedade americana ao emprego da força militar em conflitos no exterior. Ainda que tenha surgido de modo não planejado, o termo foi adotado por setores conservadores, que o interpretavam de maneira crítica, considerando essa aversão popular ao uso do poder militar como uma limitação patológica da política externa dos Estados Unidos (Chomsky, 2013).

A Guerra do Vietnã, travada entre 1960 e 1975, é considerada um marco histórico na relação entre mídia e operações militares. No início do conflito, a cobertura da imprensa americana era predominantemente favorável à participação dos Estados Unidos, alinhada ao discurso oficial do governo e à lógica da Guerra Fria, que via o envolvimento americano como necessário à contenção do comunismo no Sudeste Asiático. Nesse período, jornais e noticiários televisivos destacavam o empenho patriótico e a legitimidade da intervenção, com ênfase nas declarações dos líderes políticos e militares (Magnoli, 2006).

Contudo, à medida que o conflito se prolongava, com o aumento expressivo das baixas e a ausência de vitórias claras, a imprensa assumiu uma postura progressivamente crítica. A popularização da televisão desempenhou papel central nessa mudança tanto que, a partir do final dos anos 60, imagens e reportagens de campo transmitidas diariamente aos lares americanos passaram a expor a dura realidade da guerra, trazendo cenas de violência, destruição e sofrimento humano, muitas vezes em desacordo com o discurso oficial do governo (Schudson, 2010).

Conforme analisa Hanson (2001), mesmo diante da cobertura sensacionalista da mídia americana durante a Ofensiva do Tet, a maioria dos cidadãos dos Estados Unidos continuava apoiando o envolvimento militar no Vietnã, estima-se que cerca de 70% da população ainda acreditasse na possibilidade de vitória. Personalidades como Walter Cronkite, ao relatarem publicamente suas impressões pessimistas sobre o conflito e sugerirem a negociação como alternativa racional, representavam o surgimento de uma crítica vocal e influente, mas ainda minoritária. O grande

desafio enfrentado pelas Forças Armadas naquele momento não era propriamente a perda do respaldo da maioria, mas sim o crescimento de um grupo de opositores sofisticados e articulados, capazes de pautar o debate público e aumentar a pressão social pelo fim da guerra de maneira mais efetiva do que os próprios apoiadores do prosseguimento das operações militares. Segundo Magnoli (2006), a partir de então, a confiança da sociedade estadunidense foi profundamente abalada, e a guerra passou a ser vista com crescente desconfiança pela maioria da população.

De acordo com Schudson (2010), a mudança de postura da mídia durante o conflito pode ser observada no crescente número de reportagens críticas, editoriais questionando a permanência das tropas e na ampla cobertura das manifestações contrárias à guerra. Conforme destacado por McCombs e Shaw (1972), os meios de comunicação exercem influência determinante na definição dos temas que ganham destaque no debate público, ao selecionar e organizar as informações apresentadas à sociedade. No contexto da Guerra do Vietnã, essa capacidade de “definir a agenda” tornou-se ainda mais evidente após 1968, quando a imprensa americana, sobretudo a televisão, passou a adotar um tom mais crítico em relação à condução e à legitimidade do conflito. Hallin (1986) analisa que essa postura mais adversarial da mídia contribuiu diretamente para o declínio do apoio popular à guerra e aumentou a pressão política sobre as administrações de Johnson e, posteriormente, Nixon.

É possível afirmar, a partir dessas evidências, que a atuação da mídia americana durante a Guerra do Vietnã passou por um processo de inflexão rara em outros contextos de guerra. A imprensa, que em um primeiro momento foi instrumento de mobilização patriótica, tornou-se, ao longo dos anos, um dos principais vetores de crítica e resistência à manutenção do conflito. O fenômeno revela o quanto o ambiente informacional pode influenciar, e até mesmo reorientar, a agenda política e estratégica de um país, sobretudo quando a sociedade é exposta de forma massiva e contínua aos dilemas, contradições e tragédias de uma guerra distante. Tal constatação revela, em última instância, que a batalha pela opinião pública tornou-se tão estratégica quanto os combates travados em campo.

6.1.1 Índices de aprovação presidencial e opinião pública durante a guerra

O governo de John F. Kennedy marcou a fase inicial do envolvimento americano no Vietnã, momento em que predominava na imprensa dos Estados

Unidos uma visão estratégica da necessidade de conter o avanço comunista no Sudeste Asiático, ainda com baixa contestação da opinião pública (Magnoli, 2006). Durante esse período, Kennedy manteve níveis elevados de aprovação, situando-se em torno de 60% a 70%, de acordo com levantamentos do Gallup, refletindo o apoio da sociedade à sua condução da política externa (Gallup, 2025).

Sob Lyndon B. Johnson, o conflito se intensificou com o envio massivo de tropas e a escalada das operações militares, contexto em que a imprensa passou gradualmente a questionar a condução da guerra, principalmente a partir do episódio do Golfo de Tonquim e, posteriormente, com a Ofensiva do Tet (Schudson, 2010). Essa mudança de percepção repercutiu de forma expressiva nos índices de aprovação presidencial, que caíram de cerca de 70% para apenas 36% ao final do seu mandato, evidenciando o impacto direto do ambiente midiático e dos desdobramentos militares na opinião pública (Gallup, 2025).

A ascensão de Richard Nixon à presidência, em 1969, marcou uma reorientação da estratégia americana no Vietnã, com a adoção da chamada “vietnamização”, em que os Estados Unidos passaram a transferir gradualmente a responsabilidade do conflito às forças sul-vietnamitas e promoveram a retirada progressiva das tropas americanas, buscando alcançar uma “paz com honra” (Magnoli, 2006). Nesse novo contexto, a imprensa norte-americana, especialmente a televisão, manteve uma postura vigilante e crítica diante dos rumos da guerra, dedicando ampla cobertura aos protestos internos, às dificuldades das negociações de paz e aos escândalos que abalaram a credibilidade do governo, como a divulgação dos *Pentagon Papers*²⁷. A televisão consolidou-se como o principal canal de informação sobre o conflito para as famílias norte-americanas, aproximando o drama da guerra do cotidiano doméstico e intensificando o ceticismo público quanto à condução da política oficial (Hallin, 1986).

O impacto de episódios como a divulgação dos *Pentagon Papers*, amplamente explorados pela mídia, aprofundou ainda mais a desconfiança em relação ao governo e à condução da guerra. O resultado foi uma aprovação presidencial marcada por oscilações: Nixon iniciou o governo com índices ao redor

²⁷ Os *Pentagon Papers* constituem um compilado secreto da história da participação dos EUA na Indochina, abrangendo o período da Segunda Guerra Mundial até maio de 1968. Encomendados em 1967 pelo então secretário de Defesa americano, Robert S. McNamara, esse conjunto de 47 volumes foi vazado sem autorização ao The New York Times por Daniel Ellsberg, então pesquisador sênior no Centro de Estudos Internacionais do MIT (Encyclopaedia Britannica, [s.d. c.], tradução própria).

de 60%, mas enfrentou sucessivas quedas durante o prolongamento da guerra e o agravamento de crises políticas, caindo para menos de 50% em diversos momentos de seu mandato (Gallup, 2025).

Com base nos dados históricos apresentados e na bibliografia consultada, é possível observar que os principais eventos midiáticos ao longo da Guerra do Vietnã, como a Ofensiva do Tet, o massacre de My Lai e a divulgação dos *Pentagon Papers*, tiveram impacto imediato sobre os índices de aprovação presidencial nos Estados Unidos da América. Sendo assim, é possível observar oscilações expressivas no apoio popular em momentos subsequentes a esses acontecimentos de grande repercussão pública. Essa dinâmica evidencia a correlação entre a agenda da mídia, a percepção social dos fatos e a legitimidade dos governos envolvidos, como demonstrado ao longo da análise empreendida neste capítulo.

Dessa forma, a análise dos dados evidencia como o apoio da opinião pública aos presidentes americanos esteve fortemente condicionado à evolução do conflito, ao posicionamento da mídia e ao desenrolar dos principais eventos militares e políticos. O caso do Vietnã demonstra que, mais do que o poder bélico, a gestão da percepção e da legitimidade diante da sociedade tornou-se determinante para a sustentação das lideranças políticas em tempos de guerra.

Em última instância, torna-se claro que a comunicação social desempenhou papel fundamental em todo esse processo. A ampla divulgação dos impactos humanos e das contradições do conflito pela mídia não apenas influenciou a opinião pública, mas também redefiniu as prioridades políticas e estratégicas dos Estados Unidos. O caso vietnamita ilustra, portanto, como a construção das narrativas e o controle das agendas públicas podem ser fatores tão relevantes para o desfecho de uma guerra quanto às ações propriamente militares, tal constatação servirá de base para a análise comparativa a ser desenvolvida a seguir sobre o conflito Israel-Hamas.

6.2 HASHTAGS E MÍSSEIS NO NOVO CAMPO DE BATALHA

O conflito Israel-Hamas transcende a classificação de simples guerra assimétrica ou de maior conflito do século XXI em número de vítimas civis. Esse episódio configura, também, um marco no desenvolvimento de estratégias avançadas de manipulação informacional e desinformação, características inerentes

à contemporaneidade digital e à presença da inteligência artificial (IA). Nesse contexto, consolida-se o conceito de “infocídio”, termo cunhado pelo professor Basim Tweissi para designar práticas e mecanismos destinados a suprimir fatos objetivos e restringir o acesso equitativo à informação entre os envolvidos. Tal dinâmica resulta, na prática, na limitação das possibilidades de uma das partes exercer plenamente sua liberdade de construir e difundir narrativas próprias sobre os acontecimentos, dificultando, assim, o acesso da comunidade internacional a versões plurais dos fatos (Tweissi, 2025, tradução própria).

O referido conflito transbordou os limites geográficos de Gaza e assumiu proporções inéditas no ambiente digital global, tornando-se uma verdadeira guerra de narrativas. Segundo Fisher e Schwartz (2023), países como Irã, Rússia e China vêm utilizando meios estatais de comunicação e plataformas digitais para disseminar conteúdos favoráveis ao Hamas e contrários a Israel e seus aliados ocidentais, especialmente os EUA. Essa ofensiva informacional, caracterizada por mensagens politicamente enviesadas, sensacionalistas e muitas vezes falsas, alcançam milhões de pessoas em diversos idiomas e territórios, alimentando tensões e hostilidades além do Oriente Médio.

Em matéria de 03 de novembro de 2023, o The New York Times detalha que o esforço coordenado desses Estados, com suas motivações geopolíticas particulares, revela uma estratégia bem articulada de influência global. As campanhas de desinformação promovidas, tanto abertas quanto veladas, foram impulsionadas por redes de *bots*²⁸ e pela atuação de contas oficiais, ampliando a ressonância internacional das mensagens pró-Hamas. A rapidez com que essas narrativas se espalharam surpreendeu especialistas em extremismo e desinformação, especialmente pela combinação entre o forte apelo emocional existente em virtude do conflito histórico entre Israel e Palestina e o uso de imagens chocantes veiculadas em tempo real por militantes do Hamas (Fisher; Schwartz, 2023)

O avanço das tecnologias de IA no contexto do conflito Israel-Hamas resultou de uma colaboração próxima entre militares da Unidade 8200²⁹ e reservistas que

²⁸ *Bots* são programas autônomos que operam continuamente no ambiente digital, executando tarefas específicas sem intervenção humana. Equipados com habilidades sociais, interagem com usuários ou outros *bots*, ajustando seu comportamento com base em novas experiências, evidenciando aprendizado e flexibilidade (Silva; Nunes; Santana, 2021).

²⁹ A Unidade 8200, é um setor da Diretoria de Inteligência Militar israelense especializado em guerra cibernética e inteligência. Criada a partir de unidades dedicadas à decodificação de códigos, desde 1948, atualmente suas operações abrangem desde a interceptação de sinais eletrônicos até a mineração de dados e a realização de ataques tecnológicos (InfoMoney, 2024).

atuam em gigantes da tecnologia como Google, Microsoft e Meta. Esse intercâmbio de experiências facilitou a criação de soluções inovadoras, como *bots* treinados em árabe, que analisam em tempo real uma grande quantidade de mensagens e postagens e tornam mais eficiente a identificação de ameaças e o acompanhamento das estratégias do Hamas. A participação conjunta desses profissionais e a atuação em ambientes dedicados à inovação, como o espaço conhecido como “*The Studio*”, foram fundamentais para integrar e aprimorar essas ferramentas no cenário das operações atuais (Frenkel; Odenheimer, 2025).

Cabe ressaltar que esse cenário tem acendido alertas em Washington e em outras capitais ocidentais, diante da percepção de que regimes autoritários estão utilizando o conflito como ferramenta para fomentar sentimentos antiliberais e antidemocráticos em regiões historicamente sensíveis à crítica contra o Ocidente, como África e América do Sul. Nessas regiões, onde o discurso contra o imperialismo e o colonialismo ainda encontra receptividade, a guerra de informações em curso pode não apenas influenciar a opinião pública local, mas também reconfigurar alianças geopolíticas de longo prazo, desafiando a narrativa dominante das democracias liberais (Fisher; Schwartz, 2023).

Durante o conflito Israel-Hamas, observa-se uma dinâmica particular no consumo de informações pela sociedade israelense. Embora as redes sociais desempenhem um papel relevante na circulação de notícias e opiniões, a maior parte do público buscou informações confiáveis junto às marcas tradicionais de jornalismo, como grandes jornais e canais de televisão, especialmente nos momentos de maior incerteza e crise. Esse comportamento demonstra que, mesmo em um cenário de crescente influência das plataformas digitais, o jornalismo profissional permaneceu como fonte central de credibilidade e referência para a população em períodos de conflito intenso (Reuters Institute, 2024).

6.2.1 Impactos políticos e opinião pública ao longo do conflito

Diversos eventos de alto impacto, militares e midiáticos, marcaram a cronologia do conflito Israel-Hamas entre outubro de 2023 e junho de 2025, janela temporal abordada no presente trabalho, cada um deixando sua marca na percepção pública e na narrativa da guerra. O ataque coordenado do Hamas, deflagrado em 07 de outubro de 2023, foi apenas o estopim e continua sendo o

evento definidor do conflito, quando naquela madrugada de sábado, centenas de combatentes palestinos romperam a cerca de Gaza e atacaram comunidades israelenses e o festival de música em Re'im (Deutsche Welle, 2024).

Nos dias logo após o 7 de outubro, houve uma unificação nacional sem precedentes em Israel. Embora a sociedade israelense estivesse profundamente dividida por questões políticas até então, o ataque do Hamas provocou uma rara união social em torno da bandeira, marcada por luto e fúria coletivos contra o inimigo externo. Análises apontam que as divisões internas deram lugar a um momento de unidade patriótica, sendo percebido um efeito unificador na sociedade israelense, com antigos manifestantes mobilizando seus esforços para a guerra. Esse típico fenômeno de coesão patriótica em tempos de crise externa foi observado inicialmente, silenciando críticas internas nas primeiras semanas após o ataque (Aran, 2023).

Os bombardeios aéreos e a posterior invasão terrestre de Gaza foram amplamente cobertos, com destaque para a devastação na região. Estimativas do Ministério da Saúde de Gaza (administrado pelo Hamas) indicaram que, ao longo de um ano de conflito, cerca de 42 mil palestinos foram mortos pelos ataques israelenses, números chocantes que estamparam manchetes internacionais e alimentaram intensos debates sobre crimes de guerra e proporcionalidade. Em Israel, embora tais estatísticas fossem recebidas com ceticismo ou relativização (muitos alegavam que os dados eram inflados pela propaganda adversária), a realidade de uma destruição maciça em Gaza tornou-se parte indelével da narrativa global do conflito (Reuters, 2024).

No entanto, essa coesão mostrou-se temporária. Conforme reportado pela Reuters (2024), a percepção generalizada de falhas graves do governo na prevenção do ataque rapidamente inverteram a trajetória da opinião pública. Em poucas semanas, o reflexo inicial de cerrar fileiras deu lugar à crescente indignação contra a liderança, o choque inicial deu lugar à fúria pelas falhas que permitiram o ataque. Ou seja, passado o primeiro momento de união, já no início de novembro de 2023, muitos israelenses passaram a responsabilizar Benjamin Netanyahu e sua equipe de segurança pelo fiasco, gerando críticas intensas ao primeiro-ministro, apesar de ele ter evitado assumir responsabilidade direta pelo ocorrido.

Entre 2009 e 2023, período majoritariamente sob a liderança Netanyahu, cerca de 41% dos israelenses demonstraram confiança em seu governo, patamar

que se manteve praticamente inalterado em 2024, mesmo diante do conflito contra o Hamas. O índice de aprovação pessoal de Netanyahu também se mostra estável, com 37% dos israelenses aprovando seu desempenho, valor semelhante ao registrado no ano anterior. Ao longo de seu mandato, prevaleceu entre a população uma percepção de desconfiança em relação ao governo, tendência que persiste: 53% dos israelenses afirmam não confiar na administração nacional. Embora sentimentos como preocupação, estresse e tristeza tenham diminuído desde os ataques de 7 de outubro, a sensação de segurança, tanto emocional quanto física, não retornou aos níveis anteriores ao conflito (Vigers; Ray, 2024).

Esses sentimentos se refletem nos índices de aprovação e confiança no governo, segundo levantamento do Instituto de Democracia de Israel (IDI), a maioria dos entrevistados (56%) considera que a continuidade da ofensiva militar representa a melhor estratégia para recuperar os reféns, ao passo que 24% preferem um acordo de troca que envolva a libertação de milhares de prisioneiros palestinos. Apenas 15% manifestam desejo de que Benjamin Netanyahu permaneça como primeiro-ministro após o término do conflito. A pesquisa, realizada entre 25 e 28 de dezembro de 2023 com 746 participantes e nível de confiança de 95%, também aponta que, em levantamento anterior, 69% dos israelenses defendiam a realização de eleições assim que a guerra fosse encerrada. Apesar das declarações de Netanyahu sobre a necessidade de meses para alcançar a vitória, os dados evidenciam uma acentuada queda em sua popularidade desde o ataque do Hamas em outubro, episódio que resultou no dia mais letal em sete décadas da história de Israel (Reuters, 2024).

No contexto digital contemporâneo, destaca-se a atuação coordenada dos perfis oficiais do governo de Israel e das Forças de Defesa (IDF) em plataformas como X, Telegram e WhatsApp. Por meio desses canais, autoridades e porta-vozes buscaram pautar a opinião pública, divulgar informações operacionais, desmentir rumores e garantir a fluidez das instruções de segurança à população civil. Tal estratégia de comunicação governamental é vista como essencial para mitigar a ação de grupos adversários que utilizam redes sociais para difundir desinformação, guerra psicológica e propaganda hostil (Hermann; Yohanani; Kaplan, 2023).

Em paralelo à comunicação oficial, a atuação descentralizada de civis, influenciadores e grupos organizados ampliou ainda mais a disputa por narrativas e visibilidade global. Além dos meios tradicionais e institucionais, o ecossistema

mediático do conflito foi rapidamente permeado por influenciadores digitais, civis em zonas de combate e correspondentes internacionais que compartilharam, em tempo real, vídeos, fotos e relatos que muitas vezes escaparam ao filtro editorial das grandes agências de notícias. Esse fenômeno ampliou a complexidade do controle da narrativa oficial e ampliou o espaço para a disputa simbólica em torno da legitimidade das ações militares, do impacto humanitário e da definição de vítimas e agressores, obrigando o governo israelense a adotar medidas cada vez mais sofisticadas de gestão do ambiente informacional (Spring, 2023).

Ao longo de 2023, observou-se um crescimento expressivo na circulação de conteúdos conhecidos como *deepfakes*, áudio e vídeos manipulados por inteligência artificial, relacionados ao conflito entre Israel e Hamas. Tais materiais foram difundidos tanto por apoiadores palestinos quanto israelenses, em uma tentativa de angariar apoio para suas respectivas narrativas (Reuters Institute, 2024).

Constata-se também a presença significativa de múltiplos perfis dedicados à divulgação de vídeos relacionados aos conflitos em Gaza. Diante das restrições impostas ao acesso aos meios de comunicação tradicionais, jovens influenciadores de redes sociais, tanto em Israel quanto na quanto em outras regiões afetadas na Palestina, vêm ocupando esse espaço, registrando e expondo, de forma direta, as condições frequentemente brutais vividas nesses contextos. Pelo fato de esses conteúdos serem publicados por uma diversidade de usuários e perfis pessoais, a mensuração do seu real impacto torna-se um desafio (Reuters Institute, 2024).

A análise dos fatos permite perceber o peso da comunicação social não apenas na maneira como o conflito Israel-Hamas foi acompanhado pelo mundo, mas, sobretudo, no cotidiano político e social de Israel. A exposição constante das imagens do conflito, o fluxo ininterrupto de informações e a circulação de opiniões vindas de múltiplas fontes tornaram a disputa pelas narrativas algo presente em todos os lares e debates públicos. Ainda que o governo tenha buscado pautar o discurso oficial, a participação de influenciadores, de civis e de canais alternativos trouxe novos desafios, colocando em xeque versões apresentadas e estimulando discussões sobre legitimidade, justiça e responsabilidades. O resultado foi uma influência direta sobre a confiança no governo, sobre as expectativas da população e sobre as decisões políticas, em um processo no qual as fronteiras entre campo de batalha e campo informacional se mostraram cada vez mais tênues. Fica claro que, neste conflito, o poder de mobilizar opiniões e afetar lideranças esteve muitas vezes

nas mãos de quem melhor soube comunicar e sensibilizar a sociedade, tornando a comunicação social elemento essencial para entender não só a condução das operações militares, mas também os rumos políticos tomados ao longo desse período.

Portanto, no conflito Israel-Hamas é possível observar como a comunicação social contemporânea atua não apenas como veículo, mas como protagonista ativo na disputa pela definição de agendas políticas globais. A rápida disseminação de narrativas antagônicas por meio das plataformas digitais e mídias tradicionais tem moldado percepções internacionais, mobilizando atores externos e influenciando as políticas internas das nações envolvidas. Nesse contexto, a teoria do *agenda-setting* ganha relevância ao evidenciar que, mesmo em conflitos historicamente complexos e aparentemente insolúveis, é na arena das percepções públicas e da comunicação estratégica que se encontram as maiores oportunidades para redefinir prioridades políticas e moldar os resultados finais das disputas.

O fluxo narrativo é tão decisivo quanto as ações militares diretas, consolidando a comunicação social como elemento central na dinâmica dos conflitos contemporâneos. Essa constatação fornece a base necessária para a análise comparativa detalhada que será realizada a seguir, na qual as implicações comunicacionais de ambos os conflitos serão aprofundadas.

6.3 COMPARAÇÃO ENTRE OS CASOS E RESULTADOS OBSERVADOS

Apesar de separados por mais de meio século, os dois conflitos estudados exibem convergências notáveis em termos de Comunicação Social. Em ambos, as forças militares tiveram de lidar com um segundo *front*, o *front* da opinião pública, onde a capacidade de pautar a agenda mostrou-se tão importante quanto as operações cinéticas.

Em ambos os contextos, a influência da comunicação social foi relevante para a condução e o desfecho das operações militares. No Vietnã, a cobertura televisiva negativa expôs contradições e atrocidades do conflito, minando progressivamente o apoio doméstico à guerra e pressionando pela retirada das tropas norte-americanas. Esse fenômeno ilustra de maneira exemplar como a mídia, ao definir os temas prioritários no debate público, influenciou diretamente decisões políticas estratégicas de alto nível. De modo análogo, o conflito Israel-Hamas evidenciou que a enxurrada

de informações e desinformações difundidas por plataformas digitais não apenas moldou e ainda molda percepções globais, mas também gerou reações imediatas da comunidade internacional, ao mesmo tempo em que abalou a confiança interna no governo israelense, resultando em queda de popularidade do premiê e na intensificação das pressões por mudanças de liderança. Fica evidente, portanto, que, em ambos os casos, o clima da opinião pública estabelecido pela mídia condicionou decisivamente a liberdade de ação dos governos, conferindo validade prática à teoria do *agenda-setting*.

Apesar das convergências, as diferenças de contexto entre os conflitos são igualmente relevantes. No Vietnã, predominava a influência de grandes redes de televisão e da imprensa, que funcionavam sob certa uniformidade narrativa e detinham significativo poder de centralização do discurso. Já no conflito Israel-Hamas, verifica-se uma fragmentação sem precedentes das fontes informacionais, com canais estatais estrangeiros engajados em propaganda digital convivendo com perfis autônomos de civis, influenciadores digitais e uma profusão de atores descentralizados. Essa pulverização transformou a batalha pela agenda pública em um processo muito mais difuso, dinâmico e veloz, dificultando o controle estatal sobre a narrativa dominante. Além disso, enquanto os Estados Unidos durante o Vietnã foram surpreendidos pela força da televisão, Israel em 2023 lida com o desafio dos *deepfakes*, *bots* e campanhas de desinformação em escala global. Ainda assim, permanece a essência: a necessidade de gerenciar ativamente a percepção pública, demonstrando a adaptabilidade dos conceitos de *agenda-setting* às distintas eras tecnológicas.

Ao observar os dois casos sob a ótica da teoria do *agenda-setting*, evidencia-se a centralidade da comunicação social como ferramenta estratégica das operações militares modernas. Conforme discutido no Capítulo 2, a teoria de McCombs e Shaw (1972) esclarece que a mídia não determina como pensar, mas sim sobre o que pensar, estabelecendo prioridades no debate público e influenciando, por consequência, o próprio processo decisório institucional. Tanto no Vietnã quanto em Israel, a comunicação social mostrou-se capaz de legitimar ou inviabilizar operações militares conforme a eficácia no manejo das narrativas e da gestão da informação. Ao integrar as análises históricas à fundamentação teórica, é possível observar a persistência da teoria do *agenda-setting* como variável relevante

para o êxito político-estratégico de operações militares, seja em contextos convencionais, seja em ambientes informacionais hiperconectados.

Ao concluir este capítulo, observa-se que tanto na Guerra do Vietnã quanto no conflito Israel-Hamas, a popularidade dos governantes esteve intrinsecamente relacionada à dinâmica da comunicação social e ao modo como a mídia influenciou a percepção pública dos eventos. No contexto vietnamita, a evolução da aprovação presidencial evidenciou-se em três fases distintas, correlacionadas às administrações Kennedy, Johnson e Nixon, cada qual refletindo diretamente os impactos políticos da cobertura midiática e dos acontecimentos militares críticos, como a Ofensiva do Tet e o escândalo dos *Pentagon Papers*. Já no conflito Israel-Hamas, destaca-se a segmentação em três períodos claros: antes do 7 de outubro de 2023, marcado pela estabilidade relativa na percepção pública; imediatamente após o ataque, caracterizado por uma coesão nacional inicial que rapidamente cedeu espaço à crítica crescente ao governo Netanyahu devido a falhas percebidas na segurança; e, por fim, de 2024 em diante, período em que se consolidou uma percepção negativa e de desconfiança popular persistente. Dessa forma, ambos os conflitos ilustram como a comunicação social, ao pautar a agenda pública, exerce papel decisivo na sustentação ou desgaste do apoio político, reforçando a relevância da gestão estratégica da informação em operações militares contemporâneas.

À luz do que foi analisado, ambos os conflitos oferecem constatações valiosas para o planejamento e a condução de operações militares no século XXI. Ambos evidenciam que a comunicação social não pode ser tratada como aspecto acessório, mas sim como elemento central da estratégia de qualquer operação militar. Sua ausência ou manejo inadequado implica custos políticos e estratégicos elevados. Para as Forças Armadas contemporâneas, especialmente no contexto brasileiro, tal constatação reforça a necessidade de incorporar planos de engajamento midiático e gestão da informação em todos os níveis de planejamento, do operacional ao político. A legitimidade das ações militares, a sustentação da vontade nacional e a eficácia das operações dependem, cada vez mais, da habilidade em pautar a agenda pública e conquistar corações e mentes, consolidando assim a importância prática da comunicação social e estratégica enquanto vetor decisivo do poder nacional.

7 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como propósito central analisar a influência da Comunicação Social sobre o curso e os resultados das operações militares, aplicando a teoria do *agenda-setting* como referencial analítico central. Por meio de uma comparação entre a Guerra do Vietnã e o conflito Israel-Hamas, buscou-se compreender em que medida essa teoria permanece relevante em contextos históricos, tecnológicos e midiáticos distintos.

Em que pese ser possível observar o emprego de táticas de guerrilha e insurgência por grupos não estatais, em oposição a Estados soberanos considerados opressores, além do apoio significativo de potências externas, que fornecem recursos e assistência estratégica em ambos os casos, percebe-se, além dos óbvios contrastes geográficos e temporais, as diferenças quanto aos meios e às práticas de comunicação empregados. Ao explorar tais divergências, buscou-se demonstrar a persistência e a adaptabilidade dos postulados do *agenda-setting* em contextos operacionais tão distintos.

Inicialmente, formulou-se a questão central da pesquisa, visando avaliar a validade da teoria do *agenda-setting* na dinâmica das operações militares contemporâneas, especialmente no tocante à construção de respaldo popular às decisões políticas de emprego do poder militar. O estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem comparativa, analisando-se profundamente os impactos da mídia e da opinião pública em dois conflitos emblemáticos.

De início, no capítulo 2, buscou-se apresentar a teoria do *agenda-setting* e como a comunicação institucional passou a ser encarada como elemento estratégico central, definida por critérios de relevância social, objetivos organizacionais e coerência institucional, uma vez que a expansão do alcance midiático demandou a incorporação da opinião pública nos processos decisórios. Com base no referencial teórico adotado, foi possível demonstrar que a mídia determina os temas prioritários, influenciando não “como pensar”, mas “sobre o que pensar”, por meio da construção da saliência de assuntos específicos. Além disso, verificou-se que, ao serem associadas às heurísticas cognitivas, como disponibilidade, ancoragem e afeto, tais pautas tornam previsível a direção da opinião pública, especialmente em contextos de forte carga emocional. Por fim, pôde-se observar que a mídia atua como filtro cognitivo capaz de organizar e hierarquizar narrativas, o que confere às estratégias

de comunicação social em operações militares um papel decisivo na legitimação e na aceitação social dessas ações, ao estruturar narrativas que reforçam prioridades institucionais.

Mais adiante, no capítulo 3, foi apresentada a evolução do ambiente informacional, fator essencial para se verificar, posteriormente ao longo do presente trabalho, a relevância contínua do referencial teórico. Foram apresentados tanto quais eram os principais meios de comunicação utilizados quanto como a forma de se comunicar ao longo do século passado até os dias atuais foi sendo moldada. Enfim, foi evidenciado como essa dinamicidade em se trabalhar a informação torna cada vez mais complexa e importante a adoção de uma comunicação social mais assertiva.

Em seguida, nos capítulos 4 e 5 foram contextualizados os dois eventos bélicos, por meio de um breve histórico das motivações, ações militares, movimentos políticos e condições sociais, culturais e religiosas que influenciaram diretamente na origem e desenvolvimento de cada contenda. No caso do Vietnã, analisou-se também a influência da comunicação social no desfecho da guerra, já no caso do conflito Israel-Hamas foram apresentados os dados e impactos conhecidos até julho de 2025, data em que esse trabalho foi concluído.

Por conseguinte, no capítulo 6 foram comparadas as duas operações militares do ponto de vista da comunicação social. A análise comparativa permitiu identificar padrões, diferenças e impactos comuns da atuação da mídia tradicional e digital na formação da opinião pública, no apoio aos governantes e na mobilização social ao longo dos dois conflitos. Utilizando métricas quantificáveis de popularidade dos governantes, por meio de fontes verificáveis, evidenciou-se como a dinâmica informacional e o ambiente midiático contribuíram para a evolução dos acontecimentos políticos e militares em cada caso, fornecendo subsídios que permitem futuras reflexões sobre o papel estratégico da comunicação social no contexto das operações militares.

Outro ponto relevante, destacado ao longo do trabalho, é a dupla natureza da opinião pública no contexto das operações militares. A opinião pública pode representar uma ameaça aos governos quando se manifesta de forma contrária aos interesses estatais, exigindo controle ou neutralização. Por outro lado, sob o ponto de vista das Forças Armadas, ela se transforma em um elemento estratégico a ser gerido, pois o apoio ou a oposição popular pode determinar o êxito ou o fracasso

das missões. Essa dualidade exige das instituições militares uma atuação cada vez mais proativa no campo da comunicação social, buscando não apenas informar, mas também construir legitimidade e respaldo social para suas ações.

Ao longo desta análise comparativa entre a Guerra do Vietnã e o conflito Israel-Hamas, constatou-se que a teoria do *agenda-setting* mantém plena validade no contexto das operações militares contemporâneas. Apesar das profundas transformações tecnológicas, evoluindo da centralização televisiva à fragmentação das redes digitais e ao surgimento de novos instrumentos de manipulação e contra-informação, o princípio central da teoria, ou seja, a capacidade da comunicação social de pautar a agenda pública e influenciar decisões estratégicas, demonstrou-se presente. Essa constatação reforça que, independentemente do meio ou da era tecnológica, a gestão estratégica das narrativas permanece como vetor necessário para sustentar apoio político e legitimar ações militares.

Por fim, destaca-se que a lição central extraída desta pesquisa reside na importância estratégica da comunicação social: sem legitimidade e sem apoio popular, até mesmo a maior potência militar vê-se limitada na consecução de seus objetivos. As evidências analisadas demonstram que a gestão eficaz da comunicação, aliada à compreensão das dinâmicas da opinião pública, constitui um importante fator para o sucesso das operações militares contemporâneas. Portanto, investir em estratégias de comunicação social não é apenas uma necessidade operacional, mas sim uma condição indispensável para a obtenção de resultados duradouros e sustentáveis no campo militar.

REFERÊNCIAS

ARAN, Amnon. **Netanyahu wobbles as Israelis rally around the flag**. Asia Times, 2 nov. 2023. Disponível em: <https://asiatimes.com/2023/11/netanyahu-wobbles-as-israelis-rally-around-the-flag/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BBC NEWS. **Israel-Gaza war: Latest news & updates**. London, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/topics/c2vdnvdg6xxt>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BEININ, Joel; HAJJAR, Lisa. **Palestine, Israel and the Arab-Israeli conflict: A primer**. Washington, DC: Middle East Research and Information Project, 2014. Disponível em: https://merip.org/wp-content/uploads/2017/02/Primer_on_Palestine-IsraelMERIP_February2014final.pdf. Acesso em: 7 mai. 2025.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2011.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Fundamentos. EB20-MF-03.103: Comunicação Social**. 2. ed. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Marinha do Brasil. **Boletim de Ordens e Notícias (BONO)**, nº 112, de 18 jun. 2025. Disponível em: <https://bono.marinha.mil.br/bono/article/view/3254>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BRASIL. Marinha do Brasil. Centro de Comunicação Social. **Agência Marinha de Notícias – Linha Editorial**, 2023b.

BRASIL, Marinha do Brasil. Centro de Comunicação Social da Marinha. **Plano de Comunicação Social da Marinha**, PSCM 2023-2024. Brasília, DF, 2023c.

BRASIL, Marinha do Brasil. **Comunicação Social - Diretrizes para o reposicionamento**, Anexo do Memo nº 13/2019 do Comandante da Marinha, 2019.

BRASIL. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. **Manual de Comunicação Social da Marinha**. EMA-860. 2. rev. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. Escola Superior de Guerra. **O desenrolar do conflito entre Israel e o Hamas**. Rio de Janeiro, 2023a. Disponível em: https://www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/livretos/arquivos/2023_10_24_conflito_israel_livreto_2-1-1.pdf. Acesso em: 18 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Relatório Parcial – Operação Taquari II** (30ABR. a 15DEZ2024). Comando Militar do Sul, Porto Alegre, RS, 2024.

CHAMOLI, Amit. **Israel at war**. *International Journal of Science and Research*, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ammit-Chamolli/publication/377356347_ISRAEL_AT_WAR/links/65a161f7af617b0d87417b5a/Israel-at-War.pdf. Acesso em: 18 abr. 2025.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

CHOMSKY, Noam. **Quem manda no mundo?** Tradução de Renato Marques. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

CNN BRASIL. **Guerra de Israel: saiba o que é um kibutz, tipo de comunidade que foi alvo do Hamas**. 9 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/guerra-de-israel-saiba-o-que-e-um-kibutz-tipo-de-comunidade-que-foi-alvo-do-hamas/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

COSTA, Eduardo Silva. **Comunicação social: significado e limites**. Revista de Informação Legislativa, Brasília, DF, v. 44, n. 174, p. 270, abr./jun. 2007. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/141297/R174-04.pdf?sequence=5&isAllowed=y>. Acesso em: 8 mai. 2025.

CURREY, Cecil B. **Vitória a qualquer custo**. Biblioteca do Exército Editora, 2002.

DEUTSCHE WELLE. **October 7 Hamas attacks on Israel: A year later**. DW, 07 out. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/en/october-7-hamas-attacks-on-israel-a-year-later/a-70399696>. Acesso em: 8 jun. 2025.

DIMAGGIO, Paul; HARGITTAI, Eszter; NEUMAN, W. Russell; ROBINSON, John P. **Social implications of the Internet**. *Annual Review of Sociology*, v. 27, ago. 2001. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.soc.27.1.307>. Acesso em: 20 abr. 2025.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Fatah**. [s.d. a]. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Fatah>. Acesso em: 11 mai. 2025.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Paris Peace Conference**. [s.d. b]. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Paris-Peace-Conference>. Acesso em: 21 jun. 2025.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Pentagon Papers**. [s.d. c]. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Pentagon-Papers>. Acesso em: 22 mai. 2025.

FARIA, Maria Isabel; PERIÇÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico**. Coimbra: Almedina, 2008.

FISHER, Max; SCHWARTZ, Brian. **Israel's information war with Hamas plays out on social media**. The New York Times, New York, 3 nov. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/11/03/technology/israel-hamas-information-war.html>. Acesso em: 7 mai. 2025.

FRENKEL, Sheera; ODENHEIMER, Natan. **Israel used A.I. to identify targets in Gaza. It failed to prevent civilian deaths**. The New York Times, 2025. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2025/04/25/technology/israel-gaza-ai.html>. Acesso em: 20 jul. 2025.

FRENTE POPULAR PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA (FPLP) – Filial Líbano. Título original: معركة طوفان الأقصى [Maḥrakat Ṭūfān al-Aqṣā] [A batalha Tufan al-Aqsa: ponto de virada estratégico em nossa luta e a resistência não se quebrará]. Beirute, 2024. Disponível em: <https://pflp-lb.org/?p=4548>. Acesso em: 19 jun. 2025.

GALLUP. **Presidential Approval Ratings - Gallup Historical Statistics and Trends**, jun. 2025. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/116677/presidential-approval-ratings-gallup-historical-statistics-trends.aspx>. Acesso em: 26 mai. 2025.

HALLIN, Daniel C. **The “Uncensored War”: The Media and Vietnam**. Berkeley: University of California Press, 1986.

HANDS, Joss. **@ is for activism** dissent, resistance and rebellion in a digital culture. London: Pluto Press, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt183pbtr.9>. Acesso em: 03 jun. 2025.

HANSON, Victor Davis. **The Meaning of Tet. American Heritage**, 2001. Disponível em: <https://www.americanheritage.com/meaning-tet>. Acesso em: 27 jun. 2025.

HARARI, Yuval Noah. **Nexus: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 2. ed. São Paulo: L&PM, 2017.

HEINZE, Eric A. **International law, self-defense and the Israel-Hamas conflict**. Parameters, Carlisle-Barracks, 2024. Disponível em: <https://press.armywarcollege.edu/parameters/vol54/iss1/7/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

HERMANN, Tamar; YOHANANI, Lior; KAPLAN, Yaron. **Public Opinion Survey Marking a Year of the “Iron Swords” War (Israeli Voice Index – September 2024)**. Israel Democracy Institute, (IDI). Disponível em: <https://en.idi.org.il/articles/56081>. Acesso em: 02 abr. 2025.

HERZOG, Michael. **“Can Hamas Be Tamed?”** *Foreign Affairs*, v. 85, n. 2, 2006, p. 83–94. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/20031913>. Acesso em 12 jul. 2025.

INFOMONEY. **Clima de startup e segredo: o que é a 8200, a unidade de guerra cibernética de Israel**, 19 set. 2024. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mundo/clima-de-startup-e-segredo-o-que-e-a-8200-a-unidade-de-guerra-cibernetica-de-israel/>. Acesso em: 21 mai. 2025.

ISRAEL. Knesset. **Swords of Iron War**. Jerusalem, [s.d.]. Disponível em: <https://main.knesset.gov.il/en/about/lexicon/pages/swordsiron.aspx>. Acesso em: 19 jun. 2025.

INSTITUTE FOR PALESTINE STUDIES (IPS). **Hebron Massacre, 1994**. Digital project “The Interactive Encyclopedia of the Palestine Question”, 2023. Disponível em: <https://www.palestine-studies.org/en/node/1652605>. Acesso em: 07 jul. 2025.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e Devagar: Duas formas de pensar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KHALIDI, Rashid. **It’s time to confront Israel’s version of “from the river to the sea”**. *The Nation*, 16 nov. 2023. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/world/its-time-to-confront-israels-version-of-from-the-river-to-the-sea/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

KHALIDI, Rashid. **Palestina: uma biografia – Cem anos de guerra e resistência**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Todavia, 2020.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Editora Simon & Schuster, 1994.

LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels: uma biografia**. Tradução de Luiz A. de Araújo. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das Guerras**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MANDEL, Eric R. **‘The October 7 War’: A powerful firsthand account of Israel’s war against Hamas**. *The Jerusalem Post*, Jerusalem, 2 set. 2024. Disponível em: <https://www.jpost.com/israel-hamas-war/article-816814>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. **The agenda-setting function of mass media**. Public Opinion Quarterly, 1972.

MINGST, Karen A.; ARREGUÍN-TOFT, Ivan M. **Princípios de Relações Internacionais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Gen Atlas, 2014.

NELSON, Cristopher. **The Tet Offensive 1968: A 50-Year Reflection on the Impact of Information, Influence, and Culture**. Quantico, VA: Marine Corps University Press, 2018. Disponível em: https://www.usmcu.edu/Portals/218/LLI/MLD/Tet%20Offensive%20Case_FINAL.pdf?ver=2019-02-26-152753-987. Acesso em: 22 mai. 2025.

PRESSMAN, Jeremy. **The Second Intifada: Background and Causes of the Israeli-Palestinian Conflict**. Journal of Conflict Studies, 2003a. Disponível em: <https://journals.lib.unb.ca/index.php/JCS/article/view/220>. Acesso em: 21 mai. 2025.

PRESSMAN, Jeremy. **Visions in Collision: What Happened at Camp David and Taba?** International Security, 2003b. Disponível em: https://www.belfercenter.org/sites/default/files/pantheon_files/files/publication/pressman.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.

RAPOPORT, Meron. **The 'second Nakba' government seizes its moment**. +972 Magazine, 2 jan. 2024. Disponível em: <https://www.972mag.com/second-nakba-government-gaza/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

REUTERS. **Anniversary of Gaza war draws thousands of pro-Palestinian protesters around world**. 5 out. 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/anniversary-gaza-war-draws-thousands-pro-palestinian-protesters-around-world-2024-10-05>. Acesso em: 2 jul. 2025.

REUTERS INSTITUTE. **Digital News Report 2024: Executive Summary**. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024/dnr-executive-summary>. Acesso em: 28 jun. 2025.

RHEINGOLD, Howard. **Smart mobs: the next social revolution**. Cambridge, MA: Perseus Publishing, 2002.

SILVA, Chris Taine; NUNES, Amanda Almeida; SANTANA, Celio Andrade. **Bots como objeto de estudo da Ciência da Informação**. Ponto de Acesso, Salvador, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/30416/25689>. Acesso em: 7 mai. 2025.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, Ronaldo Pedroso da; ALVARENGA, Cristiano. **A internet como instrumento da aldeia global**. Revista da Católica, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20140222150610/http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/11-JORNALISMO-02.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2025.

SPRING, Marianna. **Israel-Gaza war: False claims, fake accounts and the social media battle**. BBC News, 15 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-67114313>. Acesso em: 22 jun. 2025.

TARAGIN, Moshe. **Is Israel fighting the October 7 War or the Simchat Torah War?**. The Jerusalem Post, Jerusalem, 23 out. 2024. Disponível em: <https://www.jpost.com/opinion/article-825825>. Acesso em: 19 jun. 2025.

THE ECONOMIST. **How the term genocide is misused in the Israel-Hamas war**. The Economist, 10 nov. 2023. Disponível em: <https://www.economist.com/the-economist-explains/2023/11/10/how-the-term-genocide-is-misused-in-the-israel-hamas-war>. Acesso em: 17 jun. 2025.

THE NEW YORK TIMES. **Israel-Hamas War**. New York, 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/11/03/technology/israel-hamas-information-war.html>. Acesso em: 19 jun. 2025.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

TWEISSI, Basim. **Gaza infocide: disinformation and new narratives wars**. 2025. Disponível em: <https://www.iemed.org/publication/gaza-infocide-disinformation-and-new-narratives-wars/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

VIGERS, Benedict; RAY, Julie. **Life in Israel Nearly a Year After Oct. 7 Attacks**. Gallup News, 22 out. 2024. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/650978/life-israel-oct.aspx> Acesso em: 2 jul. 2025.

YOUSEF, Mosab Hassan. **Filho do Hamas**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

ZAVERUCHA, Jorge. **Armadilha em Gaza: fundamentalismo islâmico e guerra de propaganda contra Israel**. São Paulo: Geração Editorial, 2010.